

Laís Tomaselli Krause

projeto gráfico editorial do livro fotográfico 35mm

Projeto de Conclusão de Curso
submetido(a) ao Curso de Design da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de
Bacharel em Design
Orientador: Prof. Dr. Luciano
Patrício Souza de Castro

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Krause, Laís Tomaselli
Projeto gráfico editorial do livro fotográfico 35mm /
Laís Tomaselli Krause ; orientador, Luciano Patrício Souza
de Castro, 2021.
126 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Design, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Design. 2. Design Gráfico. 3. Design Editorial. 4.
Livro Fotográfico. 5. Fotografia. I. Castro, Luciano
Patrício Souza de . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Design. III. Título.

Laís Tomaselli Krause

projeto gráfico editorial do livro fotográfico 35mm

Este Projeto de Conclusão de Curso (PCC) foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Design e aprovado em sua forma final pelo Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de maio de 2021.

Prof^a. Mary Vonni Meürer, Dr^a. Coordenadora do Curso de Design UFSC

Banca Examinadora:

Prof. Luciano Patrício Souza de Castro, Dr. Orientador (UFSC)

Prof. Mary Vonni Meürer de Lima, Dr^a. (UFSC)

Prof. Sharlene Melanie, Dr^a. (FAPESC)

agradecimentos

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a alcançar meus sonhos, por acreditarem sempre em mim, me inspirando a ser uma pessoa melhor.

Ao meu namorado, que sempre acreditou no meu potencial, além de ser uma grande inspiração.

Ao Professor Luciano, um agradecimento por acreditar no meu trabalho, pela orientação e paciência.

Um reconhecimento especial a todos os fotógrafos que disponibilizaram seu tempo e compartilharam suas experiências e fotografias para que este trabalho pudesse ser concluído.

resumo

Este relatório visa descrever o desenvolvimento do projeto gráfico-editorial de um livro fotográfico cujo objetivo é apresentar o trabalho de jovens fotógrafos nacionais, ressaltando as principais características de seus estilos e o modo como se expressam por meio da fotografia.

Desta forma, aqui é apresentada uma fundamentação teórica relacionada ao tema, assim como as decisões de criação tomadas durante o desenvolvimento do livro, considerando a metodologia projetual de Bruno Munari (1981) e a metodologia de estruturação de projetos gráficos de Castro e Perassi (2018).

Palavras-chave: Design Gráfico, Design Editorial, Livro Fotográfico, Fotografia, Livro.

abstract

The present project report aims to describe the development an editorial design project for a photo book whose objective is to present the work of young national photographers, highlighting the main characteristics of their styles and the way they express themselves through photography.

Here is presented a theoretical foundation related to the theme, as well as the creative decisions made during the development of the book, considering the methodology developed by Bruno Munari (1981) and Castro's and Perassi's methodology of structuring graphic projects (2018).

Keywords: Graphic Design, Editorial Design, Photo Book, Photography, Book.

lista de figuras

| | |
|--|----|
| Figura 01: metodologia de Bruno Munari | 23 |
| Figura 02: pergunta 01 do questionário | 28 |
| Figura 03: perguntas 02 e 03 do questionário | 29 |
| Figura 04: perguntas 4 e 5 do questionário | 30 |
| Figura 05: pergunta 6 do questionário | 31 |
| Figura 06: perguntas 7 e 8 do questionário | 31 |
| Figura 07: pergunta 9 do questionário | 32 |
| Figura 08: perguntas 10 e 11 do questionário | 33 |
| Figura 09: pergunta 12 do questionário | 34 |
| Figura 10: pergunta 13 do questionário | 34 |
| Figura 11: capa e <i>spread</i> do livro <i>How does it feel?</i> | 36 |
| Figura 12: capa e <i>spread</i> do livro <i>nyc, i love you...</i> | 37 |
| Figura 13: capa e <i>spread</i> do livro <i>Faculty Department</i> | 38 |
| Figura 14: capa e <i>spread</i> do livro <i>Forever West</i> | 39 |
| Figura 15: capa e <i>spread</i> do livro <i>Botanical: tales from the city</i> | 40 |
| Figura 16: capa e <i>spread</i> do livro <i>Arcadia</i> | 41 |
| Figura 17: capa e <i>spread</i> do livro <i>Haarkon Adventures Japan</i> | 42 |
| Figura 18: metodologia de Castro e Perassi | 47 |
| Figura 19: representação do tamanho de página sobre o papel BB | 47 |
| Figura 20: teste tipográfico | 48 |
| Figura 21: testes tipográficos | 48 |
| Figura 22: tabela para definição da tipografia | 49 |
| Figura 23: teste de tamanho de fonte | 50 |
| Figura 24: tabela de relação entre a idade do público e o tamanho da tipografia | 50 |

| | |
|---|----|
| Figura 25: teste de entrelinha | 51 |
| Figura 26: cálculo do dimensionamento e formato final da página | 53 |
| Figura 27: média de caracteres por linha | 54 |
| Figura 28: valores mínimos e máximos de largura de coluna | 55 |
| Figura 29: representação dos diagramas | 55 |
| Figura 30: representação das margens | 57 |
| Figura 31: representação dos diagramas | 59 |
| Figura 32: escala de cores CMYK | 60 |
| Figura 33: representação da escala modular | 61 |
| Figura 34: elementos gráfico-editoriais | 62 |
| Figura 35: experimentações de modelos de capa | 63 |
| Figura 36: modelo da publicação | 65 |
| Figura 37: exemplos de testes de layout | 66 |
| Figura 38: exemplos de testes de layout | 67 |
| Figura 39: exemplo de abertura e spreads com fotos atualizados | 69 |
| Figura 40: página mestre diagrama retangular | 70 |
| Figura 41: página mestre diagrama modular | 71 |
| Figura 42: exemplos de aberturas | 73 |
| Figura 43: exemplo de <i>spread</i> com duas imagens | 74 |
| Figura 44: exemplo de <i>spreads</i> com mais de duas imagens | 75 |
| Figura 45: exemplo de <i>spreads</i> com citações | 77 |
| Figura 46: layout da capa | 78 |
| Figura 47: sumário | 79 |
| Figura 48: <i>mockups</i> do livro | 81 |
| Figura 49: <i>mockups</i> do livro | 82 |
| Figura 50: <i>mockups</i> do livro | 83 |

sumário

| | |
|------------------------------|-----------|
| introdução | 15 |
| apresentação | 19 |
| objetivo geral | 19 |
| objetivos específicos | 19 |
| justificativa | 21 |
| delimitação | 22 |
| metodologia projetual | 23 |
| 1 definição do problema | 25 |
| 2 componentes do problema | 25 |
| 3 coleta de dados | 36 |
| 4 análise de dados | 43 |
| 5 criatividade | 45 |
| 6 materiais e tecnologia | 46 |
| 7 experimentação | 46 |
| 8 modelo | 64 |
| 9 verificação | 68 |
| 10 desenho de construção | 70 |
| 11 solução | 80 |
| 12 conclusão | 85 |
| referências | 87 |
| anexos | 91 |

introdução

Fotografia, do grego *phosgraphein*, significa “marcar a luz”, “registrar a luz” (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2021). Envolve a captação e o tratamento de fotografias.

Como afirma Davenport (1999), a fotografia evoluiu do conceito das câmaras obscuras, salas escuras utilizadas para visualizar e registrar cenas externas a partir de um ponto interno. Em 1827, Joseph Nicéphore Niépce registrou uma das primeiras fotografias, utilizando uma placa de metal para fixar uma imagem formada pela luz. Segundo a autora, as técnicas de fotografia sofreram uma grande evolução durante sua existência e, no decorrer desse processo, foram utilizadas para os mais diversos fins.

Como mostra Davenport (1999), em 1839 a fotografia foi anunciada como um grande avanço no campo da ciência: a criação de imagens em placas de metal e papel. Estas imagens eram formadas por meio de raios de luz e fixadas por meio de reações químicas, um processo lento, caro e complexo.

A utilização da fotografia era limitada à captação do real, mas, com o decorrer do tempo, a tecnologia do processo fotográfico foi sendo simplificada e se tornou disponível para um maior número de pessoas com diversos interesses. A fotografia começou então a ser vista como uma ferramenta política e emocional.

De acordo com Marien (2006), uma das primeiras indicações da transição da fotografia para um agente social foi a criação da patente dos aparelhos e métodos utilizados, que marcou a mudança da fotografia de uma invenção a uma propriedade que poderia ser utilizada de forma comercial.

De acordo com Rodrigues et al (2020), houve uma mudança na função da fotografia desde seu surgimento. No início, a fotografia

tinha como objetivo principal a documentação e o fotógrafo era o operador técnico do aparelho fotográfico, passando depois para uma fotografia mais subjetiva, com influências diretas do fotógrafo que passa a ser o “produtor de imagens através de uma observação indireta e livre da realidade, distanciando o olhar do compromisso com o testemunho e com a objetividade comuns ao fotojornalismo” (RODRIGUES et al 2020, p. 8).

Segundo Soares (2010, p. 245), a “união entre arte e fotografia, concretizada nos anos 1980 [...] faz surgir uma nova arte” e a fotografia passa então a ter um papel dominante, ganhando mais importância no território artístico. Para Rouillé (2009), a fotografia-expressão relaciona o capturado com o que vai além da fotografia em si, valoriza o processo e envolve a criatividade e a originalidade.

O estilo pessoal de um fotógrafo pode ser visto no seu trabalho como um todo, ao decorrer do tempo. É um conjunto de características marcantes e individuais que estão presentes em suas fotografias e que tornam seu trabalho reconhecível. Está relacionado com o modo pelo qual o fotógrafo escolhe representar algo ao criar uma imagem, como expressa sua visão. São as decisões tomadas durante o processo fotográfico: escolha da lente, uso de luz e sombra, cores, composição, enquadramento, ângulos, cenários e manipulação.

A popularização da fotografia e o processo de impressão direta de imagens, por sua vez, possibilitou uma maior presença de fotos em livros e outras publicações. Presentes inicialmente com propósitos científicos e documentais, as fotografias passaram a aparecer em livros com propósitos artísticos.

Nos anos 70, multiplica-se a publicação de livros conceituais com o objetivo fundamental de estabelecer um canal de produção e distribuição que escape do circuito artístico estabelecido. Publicado pelos próprios artistas, por algumas galerias, por pequenas editoras, o livro conceitual ramifica suas vertentes, abarcando a expressão política, a poesia visual, as sequências fotográficas ou gráficas, inventários, pesquisas seriais, experimentações intersemióticas, etc. O surgimento das novas tendências pictóricas nos fins da década leva a uma revisão do “ascetismo” conceitual. Começa a despontar novamente o livro “sensual” que usa abundantemente a cor, escolhe formatos e diagramações rebuscadas (FABRIS e COSTA, 1985, p.15 – 16).

Os livros, que vêm sendo utilizados como um importante meio de comunicação e expressão desde os primórdios tiveram, com a popularização do processo de impressão que passou a usar tipos móveis, um aumento considerável do alcance de publicações, utilizadas para contar histórias e compartilhar informações.

Um livro fotográfico, ou fotolivro, é um livro que utiliza a fotografia como meio de transmitir sua mensagem principal. O projeto gráfico de um bom livro fotográfico deve enaltecer o conteúdo tratado e os trabalhos apresentados, assim como garantir que o conteúdo seja apresentado de um modo conciso. Um bom design editorial, segundo Apfelbaum e Cezzar (2014), precisa ir além da organização de elementos nas páginas. Deve reconhecer seu conteúdo, contexto e leitores, respondendo ao modo pelo qual estes interagem com o produto.

Parr e Badger (2005) apresentam o livro *American Photographs* do fotógrafo Walker Evans, publicado pelo Museu de Arte Moderna em 1938, como a primeira referência de livro fotográfico. Para os autores, esse livro pode ser considerado uma das primeiras experiências de livro fotográfico por apresentar uma clara narrativa e mostrar que a fotografia poderia ser “[...] uma arte dotada de estrutura intrincada e de coerência intelectual” (BAGER, 2015).

apresentação

Este Projeto de Conclusão de Curso (PCC) se propõe a desenvolver o projeto de design gráfico-editorial de um livro fotográfico. O livro tem como objetivo apresentar o trabalho de fotógrafos, ressaltando as principais características de seus estilos e o modo como se expressam através da fotografia.

Os fotógrafos escolhidos para participar deste projeto são jovens fotógrafos nacionais, com os quais a autora já teve contato. Foram escolhidos por realizarem trabalhos admirados pela autora.

São expostos a seguir os principais aspectos introdutórios do projeto. O texto segue estruturado de acordo com as fases propostas na metodologia projetual.

objetivo geral

Desenvolver o projeto gráfico-editorial de um livro fotográfico com foco no trabalho de jovens fotógrafos nacionais, seus estilos de fotografia e a fotografia como meio de expressão

objetivos específicos

Compreender de que maneira os fotógrafos participantes usam a fotografia para se expressarem;

Projetar uma estrutura gráfica que vá ao encontro dos assuntos pesquisados e suas justificativas;

Colocar em prática a estrutura gráfica, materializando o livro e justificando as tomadas de decisões de acordo com os objetivos de comunicação.

**Style has no formula, but it has a secret key. It is the extension of your personality.
The summation of this indefinable net of your feeling, knowledge and experience.**

Ernst Haas

O estilo não tem fórmula, mas tem uma chave secreta. É a extensão da sua personalidade. A soma dessa rede indefinível de seu sentimento, conhecimento e experiência.

Ernst Haas

justificativa

A fotografia surgiu como forma de registro, captação e documentação do real. Com o decorrer do tempo, tornou-se uma tecnologia mais acessível e passou a ser utilizada por um maior número de pessoas, como cientistas e artistas. Começou então a ser vista como uma forma de manifestação artística e passou a representar mais do que a mera captação do real, também sendo utilizada como ferramenta política e emocional (DAVENPORT, 1999). O fotógrafo, já não mais tendo a obrigação restrita de documentar o mundo, passa a “transformar a máquina em um mecanismo de expressão” (RODRIGUES et al, 2020, p. 9), criando uma linguagem própria e pessoal, expressando suas emoções e percepções.

O estilo pessoal de um fotógrafo inclui diversas características e é influenciado por diversos fatores, desenvolve-se a partir de referências, vivências e como afirma Langford (2000), interesses pessoais e oportunidades, sendo, segundo o autor, uma mistura de humor, tratamento, uso de cor e composição.

O Design Editorial, por sua vez, cumpre a função de “dar expressão e personalidade a um conteúdo, atrair e manter os leitores, e estruturar o material de forma clara” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 10), além de influenciar diretamente a forma como um conteúdo é interpretado.

A participação em trabalhos como modelo e o envolvimento com o universo da fotografia por meio de amigos fotógrafos, assim como a afinidade com o design editorial influenciaram a escolha do tema

do projeto que se tornou um ponto de encontro entre interesses, possibilitando a utilização de conhecimentos adquiridos em design gráfico durante o curso de graduação e servindo também como um meio de divulgação de jovens profissionais nacionais.

Nesse contexto, este projeto traz, por meio de um projeto editorial, a atenção para jovens fotógrafos nacionais, seus trabalhos e as principais características de seus estilos, abordando suas interpretações sobre a fotografia como forma de expressão.

delimitação

Este projeto visa a criação e diagramação de um livro fotográfico impresso, incluindo a captação e elaboração de conteúdos que estejam de acordo com a missão do livro. O projeto também conta com a possibilidade de publicação do livro por meio impresso. O livro apresenta trabalhos de jovens fotógrafos nacionais e seu conteúdo será desenvolvido em conjunto com os fotógrafos, pensando em uma distribuição nacional.

metodologia projetual

A metodologia, segundo Panizza (2004) serve como um guia para a realização de um projeto e deve ser adaptada a partir de uma estrutura base, levando em consideração as características de um determinado projeto. Segundo a autora, “[...] quando bem utilizada, em vez de obstáculo passa a ser uma poderosa ferramenta de criação” (PANIZZA, 2004, p. 81). Segundo Munari (1981), o método projetual pode ser modificado, caso sejam encontrados outros valores e objetivos que tragam melhorias ao projeto.

A metodologia escolhida para ser empregada neste projeto foi a metodologia de design criada por Bruno Munari. O autor acredita que a metodologia é uma ferramenta que auxilia o projetista a resolver um problema, servindo como um guia ao manter o projeto viável e evitando imprecisões possivelmente causadas pela falta de seu uso.

Embora a metodologia de Munari seja linear, ela apresenta certa flexibilidade ao permitir modificações e ajustes quando necessários. O autor propõe etapas que orientam o designer no desenvolvimento do projeto, como mostra a figura 01 e descritas a seguir.

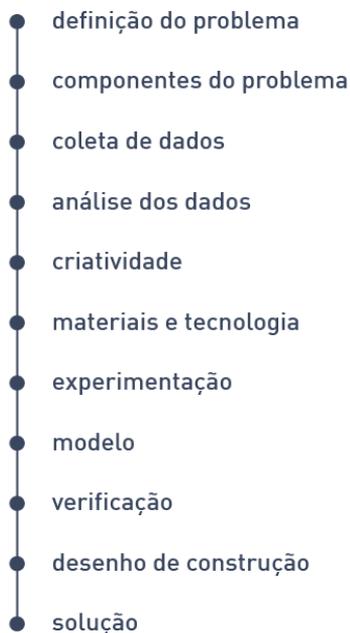


Figura 01:
metodologia de
Bruno Munari

1. Definição do Problema: segundo o autor, o problema de design se resume a uma necessidade. Nessa etapa o problema é descrito de forma mais específica, o *briefing* é realizado.
2. Componentes do Problema: o problema é decomposto em partes, facilitando o entendimento e tratamento das mesmas.
3. Coleta de dados: é feita a pesquisa e análise de similares.
4. Análise dos dados: é feita a análise das partes e das qualidades funcionais dos similares, de modo a definir o que não se deve fazer no projeto.
5. Criatividade: os dados recolhidos por meio da análise são interpretados e utilizados para a criação de possíveis alternativas de solução.
6. Materiais e Tecnologia: com base nas ideias e possíveis soluções é feita a coleta de dados sobre materiais e tecnologias que poderiam ser utilizadas no projeto.
7. Experimentação: são feitos testes de materiais e técnicas que estejam de acordo com o projeto.
8. Modelo: criação de esboços, desenhos e modelos com o objetivo de verificar sua usabilidade.
9. Verificação: dos resultados da avaliação dos itens da etapa anterior, assim como a detecção de possíveis erros.
10. Desenho de Construção: introduz as especificações para o desenvolvimento de um protótipo.
11. Solução: o relatório de projeto, desenhos e o protótipo são apresentados.

1 definição do problema

A primeira etapa da metodologia de Munari (1981) inclui a descrição do problema e o briefing do projeto, sendo este feito com o objetivo de trazer informações e facilitar decisões no decorrer do desenvolvimento do mesmo.

Neste projeto, o problema se define pelo desenvolvimento do projeto gráfico-editorial de um livro fotográfico, trazendo trabalhos de jovens fotógrafos, seus estilos de fotografia e a fotografia como meio de expressão.

2 componentes do problema

livro fotográfico

Segundo Parr e Badger (2005), um livro fotográfico é um livro no qual a mensagem principal é carregada pela fotografia. Livros fotográficos buscam trazer sensações por meio de uma narrativa própria criada com uma sequência de imagens incorporadas em uma obra.

Atualmente, livros fotográficos são usados como um meio de exposição e divulgação para fotógrafos, por possibilitarem o alcance de um público mais amplo, podendo também servir como instrumentos de legitimação. Além disso, os livros fotográficos parecem apresentar uma boa conexão com seu público, agregando valor à fotografia ao trazê-la como objeto tátil.

O projeto gráfico apresenta um papel importante na criação de um livro fotográfico, e segundo Apfelbaum e Cezzar (2014), deve ir além da organização de elementos nas páginas. Deve enaltecer o conteúdo apresentado, além de apresentá-lo de modo conciso, tendo em mente e levando em consideração seu conteúdo, contexto e leitores.

fotógrafos

Existem inúmeros nichos e diversas classificações dentre os fotógrafos profissionais. A fotografia pode ser utilizada com uma grande quantidade de objetivos e com diversas características distintas, como mostra Wolfe (2017): fotografia documental, abstrata, fotojornalismo, *fashion*, *street*, entre outros. Esses são apenas alguns dos inúmeros tipos e nichos de fotografia existentes.

Como mostra Langford (2000), o modo como o fotógrafo utiliza esses elementos faz parte do seu estilo pessoal. O autor afirma que o estilo não é uma fórmula, mas o conjunto de elementos e características marcantes que podem ser vistos em seu trabalho como um todo, com o decorrer do tempo. Essas características tornam seu trabalho reconhecível e estão relacionadas com o modo pelo qual o fotógrafo escolhe representar algo ao criar uma imagem, a forma como expressa sua visão.

Os fotógrafos escolhidos como participantes para este projeto são jovens fotógrafos nacionais, com os quais a autora já teve contato. Esses fotógrafos não foram escolhidos por pertencerem a um nicho ou por terem um estilo específico (feminino, *street*, *nu*, noturno, *lifestyle*, entre outros), mas por realizarem trabalhos admirados pela autora. O projeto conta com um grupo de quinze fotógrafos.

título

O título do livro foi escolhido tendo em mente vocábulos curtos e relevantes que remetessem à fotografia, por ser um livro fotográfico focado no trabalho e experiências de fotógrafos e direcionado a um público que tenha interesse no tema.

O título escolhido foi 35mm. Simples e facilmente reconhecível por profissionais da área e amantes da fotografia, o título vem do formato de filme 35mm, nome dado para o filme de 36x24mm utilizado na fotografia analógica. Originado com a introdução da famosa câmera Leica, nos anos 1920 como mostra Wade (2015). O termo continua em uso mesmo com a fotografia digital, pois usuários de câmeras digitais usam o termo full-frame como uma abreviação para um formato de sensor de imagem que é do mesmo tamanho que um filme de 35mm usado em câmeras analógicas.

estrutura

Por ser um livro fotográfico, não conta com todos os elementos textuais frequentemente presentes em um livro. O planejamento inicial inclui algumas páginas pré-textuais: folha de rosto e sumário, não incluindo páginas pós-textuais.

O livro é dividido em partes, sendo que cada parte apresenta as fotografias de um fotógrafo e um breve texto sobre sua relação com a fotografia e sua percepção sobre a fotografia como meio de expressão. Essas partes são antecedidas por uma página capitular com o nome do fotógrafo e uma foto de sua autoria e podem apresentar tamanhos diferentes, variando entre quatro e cinco spreads por fotógrafo.

conteúdo

Como o objetivo principal do livro é apresentar o trabalho de fotógrafos, o livro conta com um compilado de fotografias dos fotógrafos escolhidos, selecionadas juntamente aos mesmos. O livro também traz um pouco sobre o trabalho dos fotógrafos, apresentando o modo como eles utilizam diferentes elementos da fotografia para se expressarem. Os textos foram produzidos com base em conversas e pequenas entrevistas com os quinze fotógrafos selecionados.

As conversas com os fotógrafos foram conduzidas por meio de chamadas de voz e/ou vídeo on-line. O objetivo das entrevistas foi conversar sobre as fotos que poderiam ser utilizadas na publicação e entender a relação e a jornada do fotógrafo com a fotografia. Também foram feitas algumas questões sobre as principais características de seus estilos e buscou-se entender um pouco mais sobre suas opiniões sobre a fotografia como forma de expressão.

O conteúdo das entrevistas pode ser acessado nos apêndices deste relatório.

público

Com o propósito de recolher mais dados sobre o público que se interessa por fotografia, assim como coletar informações sobre suas preferências e aspectos relevantes para a elaboração do projeto, foi realizada uma pesquisa por meio de um questionário digital. A pesquisa foi realizada através da plataforma Google Forms, divulgada por quinze dias por meio do Instagram, Facebook e WhatsApp e obteve um total de 80 respostas.

Todas as perguntas são de múltipla escolha e os tópicos incluem questões demográficas e comportamentais, faixa etária, relacionamento com a fotografia e interesse em um livro fotográfico.

1. Com qual gênero você se identifica?

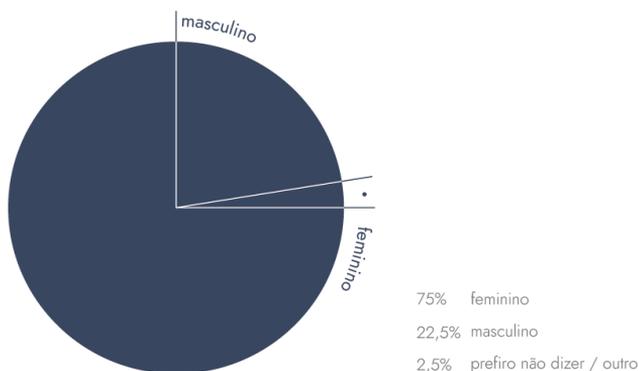
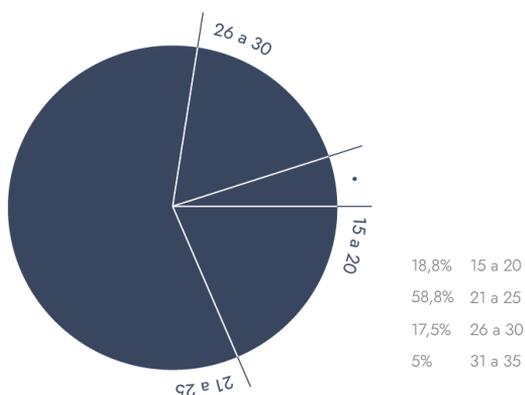


Figura 02:
pergunta 01 do
questionário

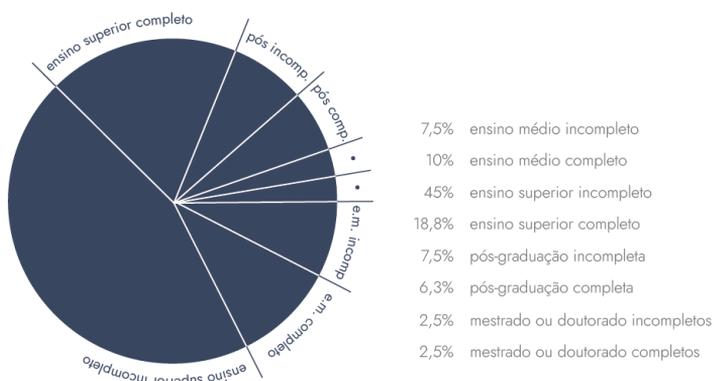
De acordo com os dados recolhidos, houve uma grande diferença em relação ao gênero das pessoas que responderam a pesquisa. O gênero feminino representa 75% dos respondentes, o gênero masculino, 22,5%, enquanto apenas 2,5% dos respondentes optaram por: prefiro não responder / outro.

Figura 03:
perguntas 02 e 03
do questionário

2. Qual a sua idade?



3. Qual a sua escolaridade?



A figura 03 representa as questões relacionadas à idade e grau de escolaridade. A maior parte (58,8%) dos respondentes declarou ter entre 21 e 25 anos, seguida por 18,8% de respondentes com 15 a 20 anos e por 17,5% com 26 a 30 anos. Pode-se concluir que o público é composto, majoritariamente, por jovens adultos.

Em relação ao grau de escolaridade, 45% dos entrevistados declararam ter ensino superior incompleto e 18,8%, ensino superior completo, o que representa 53,5% dos respondentes. Pode-se inferir ainda, que muitos respondentes estão cursando o ensino superior devido à idade (jovens adultos).

4. Você estuda ou trabalha com algo relacionado à fotografia?

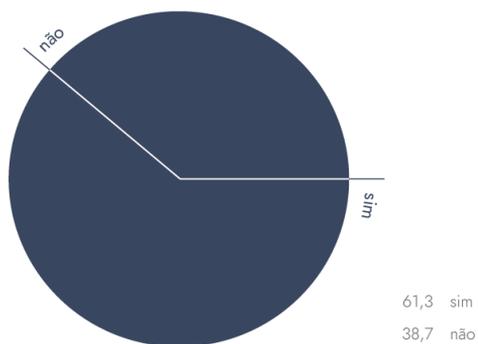
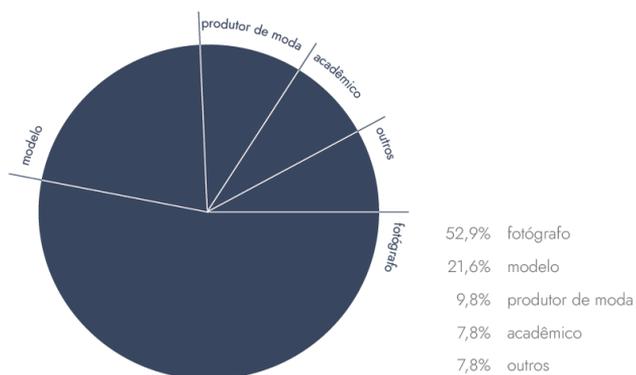


Figura 04:
perguntas 4 e 5 do
questionário

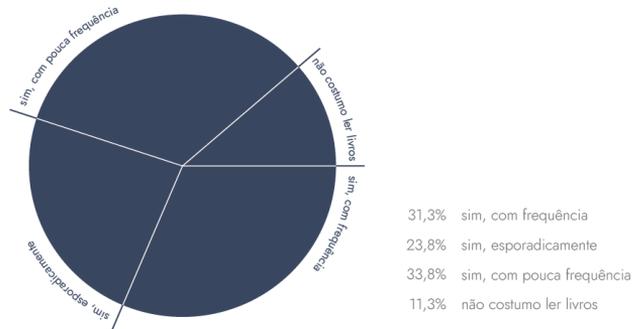
5. Se sim, em que área?



A maior parcela dos entrevistados (61,3%) afirmou trabalhar com alguma área relacionada à fotografia. Destes, a maioria afirmou trabalhar como fotógrafo (52,9%), vindo em seguida, modelos (21,6%), produtores de moda (9,8%), acadêmicos e outros, ambos com 7,8%.

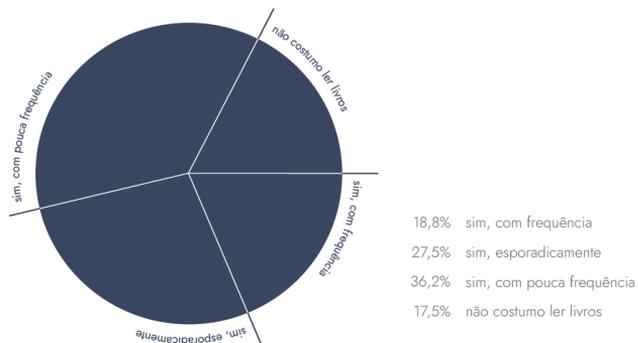
Figura 05:
pergunta 6 do
questionário

6. Você costuma ler livros por lazer?



Quando questionados sobre a frequência de leitura de livros por lazer, uma boa parcela respondeu ler livros com pouca frequência (33,8%) e outra, ler livros com frequência (31,3%). Uma parte também significativa dos entrevistados afirmou ler livros esporadicamente (23,8%) e uma pequena parcela afirmou não ler livros com frequência (11,3%).

7. Você costuma comprar livros?



8. Você prefere a experiência de livros ou digitais?

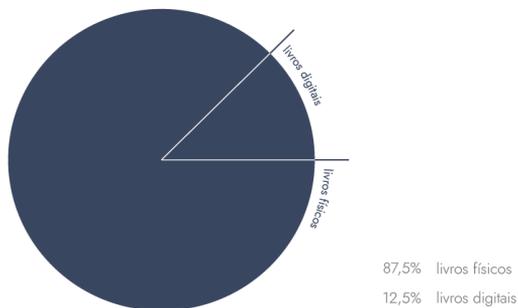


Figura 06:
perguntas 7 e 8
do questionário

Em relação à compra de livros, a maioria dos respondentes afirmou comprar livros com pouca frequência (36,2%), seguida por uma parcela que afirmou comprar livros esporadicamente (27,5%). Uma parcela afirmou comprar livros com frequência (18,8%) e a minoria dos entrevistados afirmou não ter o costume de comprar livros (17,5%).

Quando questionados sobre sua preferência entre livros físicos ou digitais, a maioria dos entrevistados (87,5%) afirmou preferir livros físicos, enquanto apenas 12,5% dos entrevistados disse preferir livros digitais.

9. Quais atributos você considera importantes em um livro fotográfico?

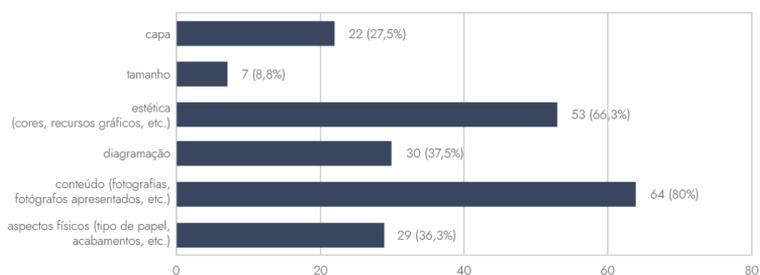
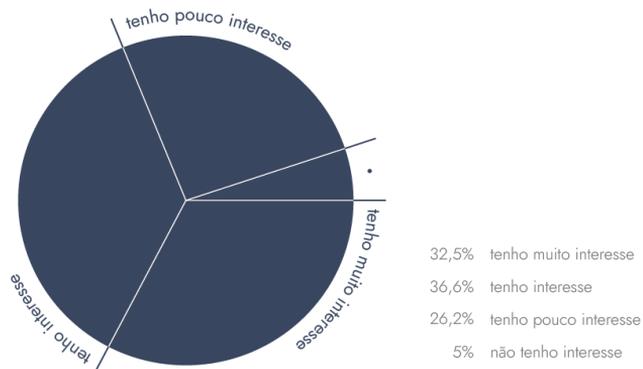


Figura 07: pergunta 9 do questionário

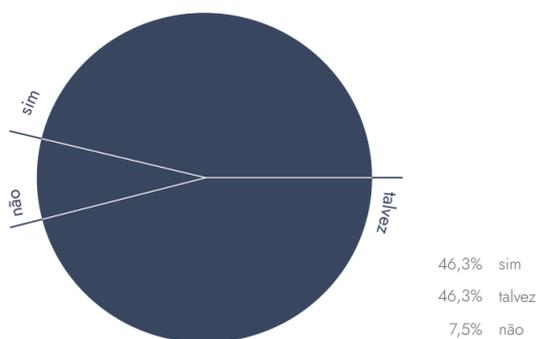
Em relação aos atributos considerados mais importantes em um livro fotográfico, os entrevistados afirmaram considerar o conteúdo do livro fotográfico como um dos atributos mais importantes (80%), seguido da estética do livro (66,3%), diagramação (37,5%), aspectos físicos (36,3%), capa (27,5%) e tamanho (8,8%).

Figura 08:
perguntas 10 e 11
do questionário

10. Qual seu nível de interesse em um livro fotográfico focado em trabalhos de fotógrafos nacionais?



11. Você compraria um livro focado em trabalhos de fotógrafos nacionais?



Quando questionados sobre o interesse em um livro fotográfico com o trabalho de fotógrafos nacionais, a maioria declarou ter interesse (36,3%), seguida por uma parcela que apresentou muito interesse (32,5%). Em seguida, os respondentes afirmaram ter pouco interesse (26,5%) e nenhum interesse (5%).

Sobre a possível compra de um livro fotográfico, as respostas ficaram divididas principalmente entre pessoas que comprariam um livro fotográfico focado em trabalhos de fotógrafos nacionais (46,3%) e as que talvez comprariam (46,3%). Apenas 7,5% dos entrevistados alegaram não ter interesse em comprar o livro.

12. Qual seria o fator decisivo na hora da compra de um livro fotográfico?

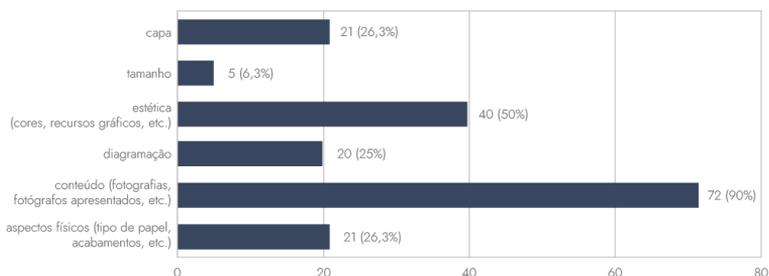


Figura 09:
pergunta 12 do
questionário

Em relação ao fator decisivo na hora da compra de um livro fotográfico, a grande maioria (90%) apontou o conteúdo do livro como fator decisivo. Os outros fatores escolhidos foram: estética (50%), capa e aspectos físicos, ambos com 26,3%, diagramação (25%) e por último, tamanho do livro (6,3%).

13. Considerando que o livro apresente um material diferenciado e de qualidade, qual faixa de preço você estaria disposto a pagar por este livro?

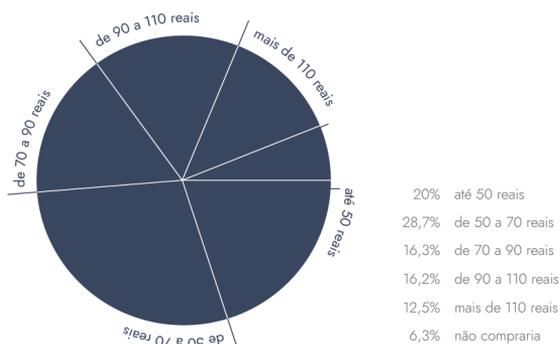


Figura 10:
pergunta 13 do
questionário

A última pergunta do questionário inquiria os entrevistados sobre o preço que estariam dispostos a pagar por um livro de qualidade, com material diferenciado. A maioria dos entrevistados (28,7%) afirmou estar disposta a pagar de 50 a 70 reais, seguida de uma parcela (20%) que afirmou estar disposta a pagar até 50 reais. Uma quantidade um pouco inferior de pessoas declarou considerar pagar de 70 a 90 reais (16,3%) e de 90 a 110 reais (16,2%). Apenas 12,5% dos respondentes afirmou estar disposta a pagar mais de 110 reais e somente 6,3% declararam não ter interesse em comprar o livro.

As respostas obtidas por meio deste questionário foram utilizadas como base para a definição do público-alvo.

Foi possível destacar que o público pertence a uma faixa etária predominantemente jovem e apresenta interesse em um livro fotográfico, principalmente por já ter alguma relação ou já atuar na área ou em áreas relacionadas. Grande parte dos entrevistados possui o hábito de leitura por lazer e afirma comprar livros com uma certa frequência. Também dizem ter mais interesse por livros físicos. Os atributos considerados mais importantes incluem o conteúdo, como as fotografias e fotógrafos apresentados, estética, como cores e recursos gráficos, e a diagramação. O fator decisivo na hora da compra é o conteúdo apresentado, seguido novamente pela estética e também pelo design da capa e aspectos físicos, como o tipo de papel e acabamentos utilizados.

Sendo assim, o público-alvo primário do livro envolve fotógrafos e profissionais da área criativa, assim como interessados pela fotografia. É composto por jovens adultos brasileiros, de ambos os sexos.

3 coleta de dados

A coleta de dados foi realizada observando livros fotográficos nacionais e internacionais de diferentes nichos, tendo como objetivo coletar referências visuais e características gráficas, assim como identificar pontos positivos que poderiam ser implementados neste projeto.

How does it feel? Por Andrew Kearns

Idioma: inglês

Capa: capa dura, textura de linho

Miolo: papel sustentável, sem verniz

Dimensões: 18 x 23 cm

Número de páginas: 160



Figura 11: capa e spread do livro *How does it feel?*

Publicado em 2019, o livro é composto por uma coleção de fotografias apresentadas de diversas formas, como colagens e composições. Apresenta momentos capturados pelo fotógrafo em lindas paisagens e conta com elementos que trazem a ideia de algo pessoal, como anotações feitas à mão, colagens e textos contando um pouco sobre a experiência do fotógrafo nos locais apresentados.

Nyc, i love you... Por Joe Greer

Idioma: inglês

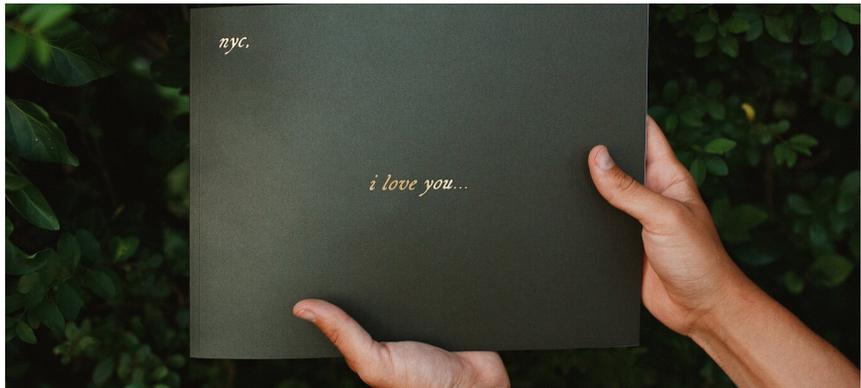
Capa: capa mole, textura de linho

Miolo: papel sem verniz

Dimensões: 30 x 23 cm

Número de páginas: 124

Figura 12: capa e spread do livro *nyc, i love you...*



O livro do fotógrafo Joe Greer traz 68 fotografias feitas nas ruas de Nova Iorque e não possui elementos textuais, gráficos e até mesmo numeração de páginas. As escolhas de diagramação, segundo o fotógrafo, foram feitas com o objetivo de trazer a fotografia como principal elemento, de modo a não distrair os leitores. O livro apresenta fotografias com o mesmo tamanho dispostas nas páginas brancas. A capa e contracapa são simples e apresentam apenas o título do livro.

Faculty Department, vol. 2 Por Justin Chung

Idioma: inglês

Capa: capa dura

Dimensões: 27 x 20,5 cm

Número de páginas: 372



Figura 13: capa e spread do livro *Faculty Department*



Faculty Department, de Justin Chung, apresenta três capítulos com fotografias relacionadas à vida pessoal e de conhecidos do fotógrafo. O livro apresenta as fotografias de formas diferenciadas, com tamanhos e layouts variados. O texto é um elemento recorrente ao longo da publicação.

Forever West Por Michael O'Neal

Idioma: inglês

Capa: capa dura com detalhes metalizados

Dimensões: 24.5 x 32.5 cm

Número de páginas: 104

Figura 14: capa
e spread do livro
Forever West



Forever West traz fotografias tiradas no decorrer de quatro anos, retratando paisagens, vida selvagem e retratos de aventureiros. Dividido em oito capítulos, o livro traz textos e apresenta as fotografias em diversos tamanhos. O layout é bem organizado e segue uma linha minimalista, com poucos elementos.

Botanical: tales from the city Por Samuel Zeller

Idioma: inglês

Capa: capa dura

Dimensões: 16 x 22 cm

Número de páginas: 144

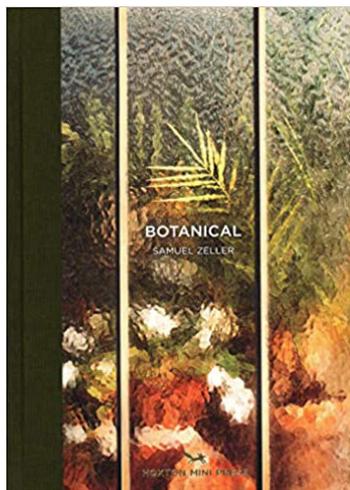


Figura 15: capa e spread do livro *Botanical: tales from the city*

O livro traz o trabalho fotográfico de Samuel Zeller, fotografias de plantas exóticas do mundo inteiro, vistas através dos vidros das estufas. O livro apresenta um layout simples e com poucos elementos, que trabalham de modo a valorizar as fotografias.

ARCADIA Por Ian Howorth

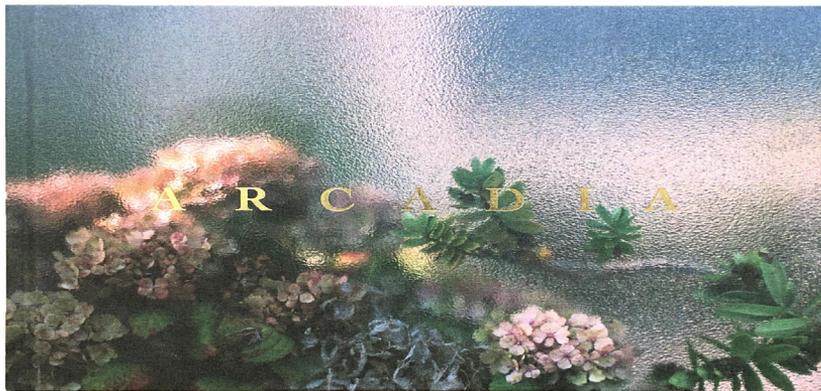
Idioma: inglês

Capa: capa dura com acabamento em tecido

Dimensões: 15 x 30 cm

Número de páginas: 120

Figura 16: capa
e *spread* do livro
Arcadia



O livro *Arcadia*, do fotógrafo Ian Howorth, foi publicado em 2019 e é um projeto pessoal construído ao redor do conceito de lar. Traz fotografias que constroem um universo poético e nostálgico e busca trazer ao leitor um pouco da visão pessoal do fotógrafo sobre a Inglaterra. O livro traz apenas uma fotografia por *spread*, sempre ocupando a maior parte da página e com pouquíssimas variações de tamanho. Também não apresenta textos de apoio, assim como elementos pré e pós-textuais.

Haarkon Adventures Japan Por Haarkon Adventures

Idioma: inglês

Capa: capa mole

Dimensões: 14 x 21 cm

Número de páginas: 160



Figura 17: capa e spread do livro *Haarkon Adventures Japan*



Seguindo o conceito de “journal”, um caderno de registros, esse livro traz fotografias e informações sobre lugares no Japão. O livro intercala fotografias, textos, pequenas frases e citações, criando uma leitura interessante e dinâmica. Por ser um livro de fotografias que traz informações essencialmente turísticas acompanhadas de textos e divididas em capítulos, o livro conta com sumário e outros elementos pré e pós-textuais.

4 análise dos dados

A pesquisa de similares possibilitou reunir informações sobre a estrutura e os principais elementos presentes em livros fotográficos. Os livros analisados foram escolhidos pela autora dentre inúmeros livros fotográficos de diversos estilos e categorias existentes.

Todos os materiais analisados são livros fotográficos e por este motivo, seguem estruturas similares. Os livros fotográficos apresentam a fotografia como elemento principal da publicação, possuem um tema definido e apresentam as fotografias de um ou mais fotógrafos de modo a criar uma narrativa por meio das fotografias. Os autores dos livros podem variar, sendo o fotógrafo o autor de seu próprio livro ou no caso de uma coleção de trabalhos de diferentes fotógrafos, a autoria pode se dar a um curador.

Os livros costumam apresentar pouco texto e normalmente o utilizam como elementos de apoio, trazendo informações sobre as fotos ou sobre o fotógrafo apresentado. A diagramação das publicações tende a se manter minimalista e sutil, de modo a não desviar a atenção das fotografias, que utilizam grande parte da página e costumam manter tamanhos constantes, com poucas variações, no decorrer da publicação.

As dimensões dos livros costumam apresentar similaridades, com formato retangular. Entretanto, as publicações analisadas possuem orientação vertical e horizontal. As capas tendem a apresentar uma fotografia acompanhada do título do livro ou apenas o título em meio a uma cor. Os exemplares analisados trouxeram referências visuais para a realização deste projeto, apresentando possibilidades e alternativas existentes.

Os livros “nyc, i love you...” de Joe Greer, “Botanical: tales of the city” de Samuel Zeller e “Arcadia” de Ian Howorth apresentam características minimalistas, com poucos elementos e seguindo o conceito clássico do fotolivro, apresentando uma fotografia por folha. São bem organizados e não possuem texto em seu conteúdo.

Os livros “Haarkon Adventures Japan” de Haarkon Adventures e “How does it feel?” de Andrew Kearns seguem um conceito mais artístico e expressivo, incorporando textos, cores, colagens e elementos manuais em sua composição. “Haarkon Adventures Japan” utiliza fotografias aliadas de textos e pequenas frases para apresentar lugares do Japão ao leitor, também podendo ser considerado uma espécie de livro turístico.

Já os livros “Forever West” por Michael O’Neal e “Faculty Department” por Justin Chung trazem uma maior quantidade de texto, divididos em capítulos. “Forever West” segue uma linha um pouco mais minimalista, enquanto “Faculty Department” utiliza uma maior quantidade de elementos e variações de layout contendo textos e descrições.

5 criatividade

Buscando um melhor resultado na execução do projeto, foram definidos os conceitos e objetivos de comunicação, assim como as estratégias de design utilizadas para expressar a personalidade e características do livro.

Contemporâneo: uso de linguagem predominantemente informal, fotografias recentes, uso de elementos atuais.

Minimalista: uso de elementos, cores e formas de modo a criar um layout predominantemente minimalista.

Dinâmico: uso de layouts, fotografias, citações, pequenas frases e textos para apresentar o conteúdo de forma interessante.

tipografia

Fontes sem serifa trazem um ar sofisticado, minimalista e normalmente passam a noção de algo contemporâneo e receptivo. Levando em consideração os conceitos e objetivos do projeto, assim como o volume pequeno de texto que não acarreta em problemas

de legibilidade, a tipografia sem serifa foi escolhida para o corpo de texto do livro.

diagrama

Neste projeto as páginas possuem diagramas independentes, podendo variar no decorrer das partes. Podem ser utilizados diagramas retangulares e modulares e os elementos gráficos não são necessariamente obrigados a seguir o padrão modular ou retangular, possibilitando uma estética mais dinâmica e descontraída.

composição e layout

O livro segue a estrutura clássica de um fotolivro, com layout predominantemente minimalista, apresentando o conteúdo de modo contemporâneo e dinâmico, balanceando aspectos tradicionais e minimalistas, de modo a dar destaque às fotografias apresentadas.

As divisões possuem layouts próprios e podem trazer diferentes composições com fotografias, textos e citações retiradas das entrevistas.

cores associadas

De acordo com a pesquisa de similares, as cores utilizadas nos livros fotográficos complementam as fotografias apresentadas. Os livros não costumam utilizar muitas cores no decorrer das páginas e quando utilizadas, tendem ao branco e preto. As páginas com fotografias tendem a apresentar a cor branca de fundo, de modo a não interferir nas cores da imagem.

Neste projeto, as cores utilizadas nas divisões foram escolhidas tendo em vista as fotografias selecionadas, com o objetivo de criar composições que estivessem de acordo com as fotografias apresentadas.

fotógrafos participantes

O quadro a seguir reúne informações retiradas das entrevistas com os fotógrafos, que são apresentadas em íntegra nos apêndices do presente projeto.

Os estilos destacados no quadro foram apontados pelos próprios fotógrafos durante as conversas e, segundo os mesmos, foram classificados como os estilos que mais identificam seus trabalhos no momento atual.

| FOTÓGRAFO | INSTAGRAM | LOCALIZAÇÃO | ESTILO |
|--------------------|------------------|--------------------|---------------------------|
| Wam Ornelas | @ornelaswam | Florianópolis | Lifestyle, retratos |
| Tainá Bernard | @tainabernard | São Paulo | Fashion |
| Babi Brasil | @wolfordie | São Paulo | Nu feminino, retratos |
| Luis Dalvan | @luisdalvan | São Paulo | Noturno, cinematográfico |
| Alinne Volpato | @alinnevolpato | Florianópolis | Fashion, dança |
| Matheus Ern | @matheus.ern | Jaraguá do Sul | Fashion |
| Rafael Lange | @rglange | Curitiba | Fotografia sentimental |
| Heloisa Vecchio | @heloisa.vecchio | Curitiba | Analógica, nus e retratos |
| Well Naves | @wellnaves | São Paulo | Noturno cinematográfico |
| André Lambert | @andreflambert | São Paulo | Fashion, analógica |
| Jean Affeld | @affeldjc | Florianópolis | Retratos |
| Cida de Souza | @natturalis | São Paulo | Documental, de rua |
| Woody | @woody.raw | São Paulo | Retratos, lifestyle |
| Matheus Augusto | @mathiusto | São Paulo | Fashion, retratos |
| Carolina Bonatelli | @phbonat | Florianópolis | Fashion |

6 materiais e tecnologia

materiais

O papel escolhido para ser utilizado no miolo do livro é o couché fosco, por refletir pouca luz e não interferir na leitura e visualização das imagens. A gramatura a ser utilizada nas páginas do miolo é de 150 g/m², por não ser muito espessa a ponto de dificultar o manuseio das páginas ou muito fina, de modo que a tinta, devido à impressão, passe para o outro lado da página, o que poderia ser um incômodo na leitura e visualização do conteúdo. A impressão do miolo será feita em quadricromia (4/4), prezando pelo sistema offset.

A capa segue o padrão de quadricromia (4/4), com o sistema de impressão offset, em um papel couché com gramatura alta.

tecnologia

A encadernação do livro deve ser feita em lombada quadrada, para possibilitar a melhor utilização do espaço da página e com laminação fosca, a fim de agregar valor e trazer um toque de sofisticação ao produto.

7 experimentação

Para a elaboração da estrutura do projeto gráfico do livro foi utilizada a metodologia apresentada por Castro e Perassi (2018) no livro Estruturação de projetos gráficos: A tipografia como base do planejamento. Essa metodologia propõe a estruturação do projeto gráfico de dentro para fora, partindo da tipografia utilizada no corpo de texto do projeto como suporte para o dimensionamento de página, construção do diagrama e grid. A figura 18 apresenta as etapas da metodologia utilizada.

Figura 18:
metodologia de
Castro e Perassi

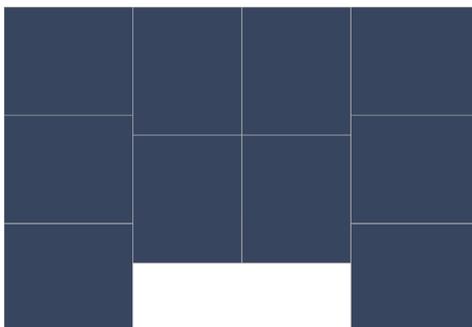
- predefinição da forma da página
- definição da tipografia
- estabelecimento da entrelinha
- determinação do módulo
- dimensionamento da forma da página e construção da grade
- representação do diagrama (largura de colunas e margens)
- configuração e ativação da linha de base
- distribuição de textos e imagens para compor a mancha gráfica

formato da página

O tamanho do livro foi definido tendo em vista os similares analisados e levando em conta o aproveitamento de papel para a folha BB, com tamanho de 66 cm por 96 cm, muito utilizada em gráficas com impressão em offset, de modo a eliminar espaços em branco descartados.

A pré-definição do formato do livro ficou com as medidas de 22 cm por 26 cm.

Figura 19:
representação do
tamanho de página
sobre o papel BB



definição da tipografia e entrelinha

Como mostram Castro e Perassi (2018), a tipografia é um elemento primordial do design gráfico e sua má utilização pode afetar a experiência e satisfação do usuário.

A tipografia do corpo de texto do livro foi definida como sem serifa, de modo a atribuir uma estética minimalista e contemporânea à publicação.

Inicialmente foram escolhidas doze fontes gratuitas, mas após análise levando em consideração testes de impressão e aspectos como legibilidade, diversidade de estilo e peso, o número de fontes foi reduzido a cinco.

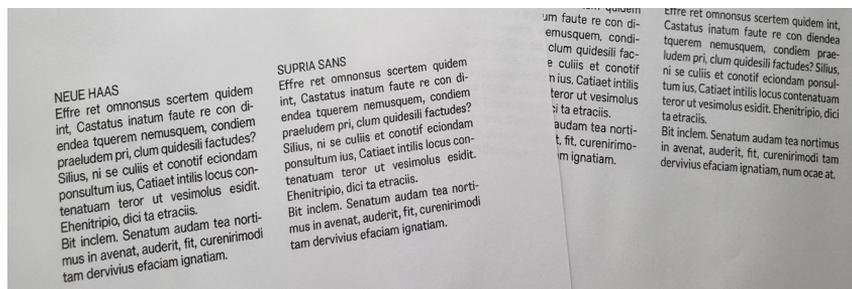
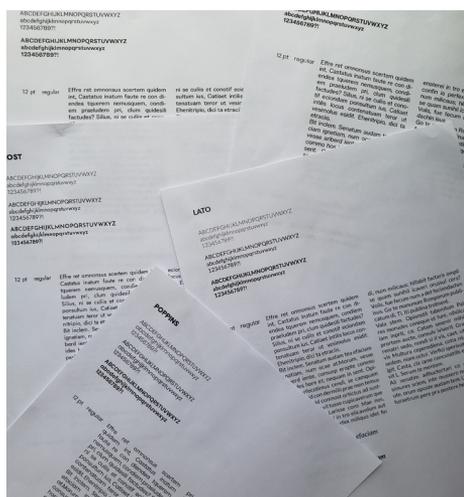


Figura 20: teste tipográfico

Novos testes de impressão foram feitos com as cinco fontes restantes, de modo a verificar sua legibilidade em diferentes tamanhos de colunas.



Just
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Neue Haas
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Supria Sans
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Lato
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Poppins
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Figura 21: testes tipográficos

Em seguida, foi elaborada uma tabela com critérios para auxiliar no processo de escolha da fonte do corpo de texto do livro. A tabela foi construída com base no Modelo de Matriz de Seleção Tipográfica, desenvolvido por Meürer (2017). O modelo utiliza um sistema de pontuação que pode variar de 1, o valor mínimo e 5, o valor máximo, que representam o nível de adequação da fonte ao critério analisado.

Os requisitos escolhidos pela autora do presente relatório para serem utilizados no modelo são:

1. Sem serifa: foram priorizadas fontes sem serifa, por representarem melhor o conceito e perfil da publicação.
2. Altura-x: foi analisada de modo a verificar possíveis problemas de legibilidade. A altura da letra “x” em caixa baixa não deve apresentar muita diferença das letras em caixa alta.
3. Família tipográfica: a quantidade de estilos e pesos de uma família tipográfica possibilita uma maior variedade e flexibilidade na composição em um projeto.
4. Legibilidade: a legibilidade das fontes foi analisada por meio dos testes de impressão realizados com tamanhos de fonte e de coluna variados.
5. Expressão: foram priorizadas fontes com pouco contraste e com formas minimalistas e geométricas, por atenderem melhor o perfil da publicação.

| <i>fontes analisadas</i> | <i>sem serifa</i> | <i>altura-x</i> | <i>família</i> | <i>legibilidade</i> | <i>expressão</i> | <i>total</i> |
|--------------------------|-------------------|-----------------|----------------|---------------------|------------------|--------------|
| Jost | 5 | 4 | 5 | 5 | 5 | 24 |
| Neue Haas | 5 | 3 | 5 | 4 | 4 | 21 |
| Supria Sans | 5 | 4 | 5 | 4 | 3 | 21 |
| Lato | 5 | 4 | 5 | 5 | 4 | 23 |
| Poppins | 5 | 5 | 5 | 4 | 3 | 22 |

Figura 22: tabela para definição da tipografia

Levando em consideração os testes realizados e os conceitos definidos para a publicação, a fonte escolhida foi a Jost, uma fonte sem serifa que possui uma família versátil. É uma fonte arredondada e transmite o conceito de minimalismo e contemporaneidade. Apresenta pouco contraste, o que contribui para a melhor legibilidade após impressão.

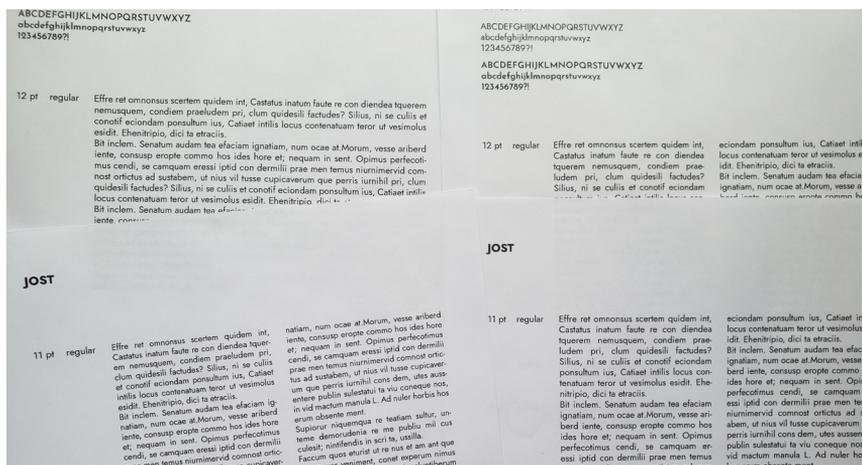


Figura 23: teste de tamanho de fonte

| Idade (anos) | Tipo (pontos) |
|----------------|---------------|
| Menor que 7 | 24 |
| 7-8 | 18 |
| 8-9 | 16 |
| 9-10 | 14 |
| 10-12 | 12 |
| Maior que 12 | 11 |
| 19-26 | 9 |
| Adultos | 10 |
| Terceira idade | 12 |

Figura 24: tabela de relação entre a idade do público e o tamanho da tipografia

Fonte: Castro e Perassi (2018), adaptado de Burt (1959)

Em seguida foram realizados testes de impressão e legibilidade com a fonte Jost em diferentes tamanhos. A fonte possui uma altura-x relativamente pequena. Assim, levando em consideração os testes tipográficos de legibilidade e a tabela apresentada por Castro e Perassi (2018), que relaciona a idade do público-alvo ao tamanho da tipografia, o tamanho escolhido para ser utilizado no corpo de texto foi de 11 pontos.

anatomia das páginas

determinação do módulo

Seguindo a metodologia de Castro e Perassi (2018), determina-se o tamanho do módulo, que deve ser equivalente à altura da entrelinha e serve como base para a construção do grid e o planejamento das dimensões finais da página.

Considerando o valor de um ponto como 0,35275 mm e a entrelinha de 13,2 pontos, o módulo do livro possui 4,6563 mm.

dimensionamento da forma da página e construção do grid

O módulo é utilizado para definir as dimensões finais da página, garantindo a perfeita divisão da mesma em uma grade, de acordo com o tamanho dos módulos. O ajuste é feito ao dividir a largura e altura pelo tamanho do módulo, que resulta na quantidade de módulos presentes na altura e largura da página. Evitando uma quantia quebrada de módulos, esse número é arredondado e se chega na quantidade ideal de módulos, que é então multiplicada pelo tamanho do módulo. O redimensionamento resultou no formato de página com 218,8461 mm de largura por 256,0965 mm de altura. A figura 26 mostra a disposição dos módulos e o formato final da página.

Medidas iniciais: 220 x 260 mm
Módulo: 4,6563 mm

Largura:
 $220 \text{ mm} / 4,6563 \text{ mm} = 47,2478 = 47 \text{ módulos}$
 $47 \text{ módulos} \times 4,6563 \text{ mm} = 218,8461 \text{ mm}$

Altura:
 $260 \text{ mm} / 4,6563 \text{ mm} = 55,8383 = 56 \text{ módulos}$
 $56 \text{ módulos} \times 4,6563 \text{ mm} = 256,0965 \text{ mm}$

Tamanho final da página:
218,8461 x 256,0965 mm

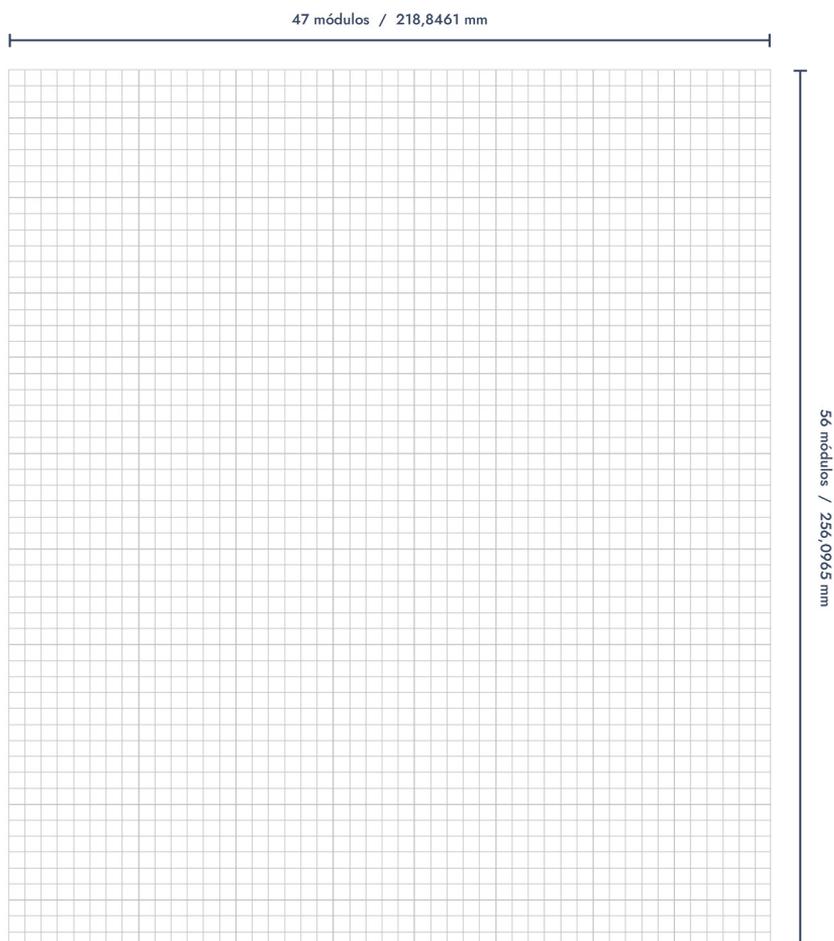


Figura 26:
cálculo do
dimensionamento e
formato final
da página

representação do diagrama

Realizada a redefinição do tamanho da página, começa-se a pensar na mancha gráfica da publicação. Como mostram Castro e Perassi (2018) o comprimento da linha de texto apresenta influência sobre o processo de leitura, podendo cansar e desmotivar o leitor.

De acordo com Bringhurst (2015), o número médio de caracteres em uma linha de texto deve ser levado em consideração para que a leitura seja agradável. Com o valor do comprimento do alfabeto romano internacional básico em caixa baixa em pontos, é possível utilizar a tabela de média de caracteres por linha apresentada pelo autor para determinar a largura ideal da coluna, em paicas. A coluna superior indica a largura da coluna em paicas e a coluna da esquerda indica o comprimento do alfabeto em caixa baixa em pontos.

| MÉDIA DE CARACTERES POR LINHA | |
|-------------------------------|---|
| | 10 12 14 16 18 20 22 24 26 28 30 32 34 36 38 40 |
| 80 | 40 48 56 64 72 80 88 96 104 112 120 128 136 144 152 160 |
| 85 | 38 45 53 60 68 76 83 91 98 106 113 121 129 136 144 151 |
| 90 | 36 43 50 57 64 72 79 86 93 100 107 115 122 129 136 143 |
| 95 | 34 41 48 55 62 69 75 82 89 96 103 110 117 123 130 137 |
| 100 | 33 40 46 53 59 66 73 79 86 92 99 106 112 119 125 132 |
| 105 | 32 38 44 51 57 63 70 76 82 89 95 101 108 114 120 127 |
| 110 | 30 37 43 49 55 61 67 73 79 85 92 98 104 110 116 122 |
| 115 | 29 35 41 47 53 59 64 70 76 82 88 94 100 105 111 117 |
| 120 | 28 34 39 45 50 56 62 67 73 78 84 90 95 101 106 112 |
| 125 | 27 32 38 43 48 54 59 65 70 75 81 86 91 97 102 108 |
| 130 | 26 31 36 41 47 52 57 62 67 73 78 83 88 93 98 104 |
| 135 | 25 30 35 40 45 50 55 60 65 70 75 80 85 90 95 100 |
| 140 | 24 29 34 39 44 48 53 58 63 68 73 77 82 87 92 97 |
| 145 | 23 28 33 37 42 47 51 56 61 66 70 75 80 84 89 94 |
| 150 | 23 28 32 37 41 46 51 55 60 64 69 74 78 83 87 92 |
| 155 | 22 27 31 36 40 45 49 54 58 63 67 72 76 81 85 90 |
| 160 | 22 26 30 35 39 43 48 52 56 61 65 69 74 78 82 87 |
| 165 | 21 25 30 34 38 42 46 51 55 59 63 68 72 76 80 84 |
| 170 | 21 25 29 33 37 41 45 49 53 57 62 66 70 74 78 82 |
| 175 | 20 24 28 32 36 40 44 48 52 56 60 64 68 72 76 80 |
| 180 | 20 23 27 31 35 39 43 47 51 55 59 62 66 70 74 78 |
| 185 | 19 23 27 30 34 38 42 46 49 53 57 61 65 68 72 76 |
| 190 | 19 22 26 30 33 37 41 44 48 52 56 59 63 67 70 74 |
| 195 | 18 22 25 29 32 36 40 43 47 50 54 58 61 65 68 72 |
| 200 | 18 21 25 28 32 35 39 42 46 49 53 56 60 63 67 70 |
| 210 | 17 20 23 27 30 33 37 40 43 47 50 53 57 60 63 67 |
| 220 | 16 19 22 25 29 32 35 38 41 45 48 51 54 57 60 64 |
| 230 | 15 18 21 24 27 30 33 36 40 43 46 49 52 55 58 61 |
| 240 | 15 17 20 23 26 29 32 35 38 41 44 46 49 52 55 58 |
| 250 | 14 17 20 22 25 28 31 34 36 39 42 45 48 50 53 56 |
| 260 | 14 16 19 22 24 27 30 32 35 38 41 43 46 49 51 54 |
| 270 | 13 16 18 21 23 26 29 31 34 36 39 42 44 47 49 52 |
| 280 | 13 15 18 20 23 25 28 30 33 35 38 40 43 45 48 50 |
| 290 | 12 15 17 20 22 24 27 29 32 34 37 39 41 44 46 49 |
| 300 | 12 14 17 19 21 24 26 28 31 33 35 38 40 42 45 47 |
| 320 | 11 13 16 18 20 22 25 27 29 31 34 36 38 40 43 45 |
| 340 | 10 13 15 17 19 21 23 25 27 29 32 34 36 38 40 42 |
| 360 | 10 12 14 16 18 20 22 24 26 28 30 32 34 36 38 40 |

Figura 27:
média de
caracteres por linha

Fonte: Bringhurst
(2015)

Partindo do valor de comprimento do alfabeto de 134,44 pontos e utilizando a tabela de Bringhurst (2015) como guia, foram descobertas as medidas ideais para as colunas dos diagramas.

Figura 28:
valores mínimos
e máximos de
largura de coluna

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|
| | 10 | 12 | 14 | 16 | 18 | 20 | 22 | 24 | 26 | 28 | 30 | 32 | 34 | 36 | 38 | 40 |
| 120 | 28 | 34 | 39 | 45 | 50 | 56 | 62 | 67 | 73 | 78 | 84 | 90 | 95 | 101 | 106 | 112 |
| 125 | 27 | 32 | 38 | 43 | 48 | 54 | 59 | 65 | 70 | 75 | 81 | 86 | 91 | 97 | 102 | 108 |
| 130 | 26 | 31 | 36 | 41 | 47 | 52 | 57 | 62 | 67 | 73 | 78 | 83 | 88 | 93 | 98 | 104 |
| 135 | 25 | 30 | 35 | 40 | 45 | 50 | 55 | 60 | 65 | 70 | 75 | 80 | 85 | 90 | 95 | 100 |
| 140 | 24 | 29 | 34 | 39 | 44 | 48 | 53 | 58 | 63 | 68 | 73 | 77 | 82 | 87 | 92 | 97 |
| 145 | 23 | 28 | 33 | 37 | 42 | 47 | 51 | 56 | 61 | 66 | 70 | 75 | 80 | 84 | 89 | 94 |
| 150 | 23 | 28 | 32 | 37 | 41 | 46 | 51 | 55 | 60 | 64 | 69 | 74 | 78 | 83 | 87 | 92 |

Fonte: adaptado de
Bringhurst (2015)

Como pode ser visto na figura 28, de acordo com a tabela de Bringhurst (2015), o valor mínimo para a largura da coluna é de 16 paicas e o valor máximo é de 34 paicas, sendo que o valor ideal é de 24 ou 26 paicas.

O diagrama retangular foi criado para ser utilizado nas aberturas dos trabalhos dos fotógrafos, criando um padrão para o tamanho da foto de abertura. Também pode ser utilizado em outras páginas de modo a limitar o conteúdo às margens, possibilitando layouts mais livres. O diagrama modular apresenta módulos com 16 por 16 paicas. Este diagrama pode ser utilizado em páginas com pouca quantidade de texto, assim como em páginas com fotografias.

Figura 29:
representação dos
diagramas

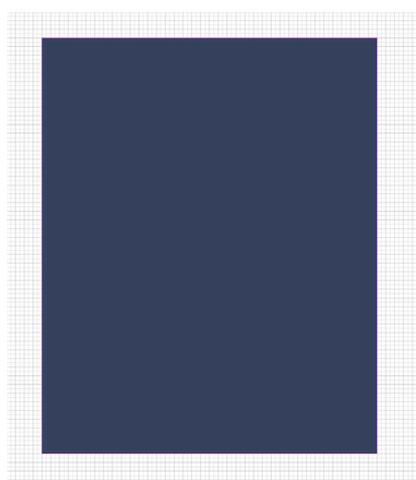


diagrama / retangular

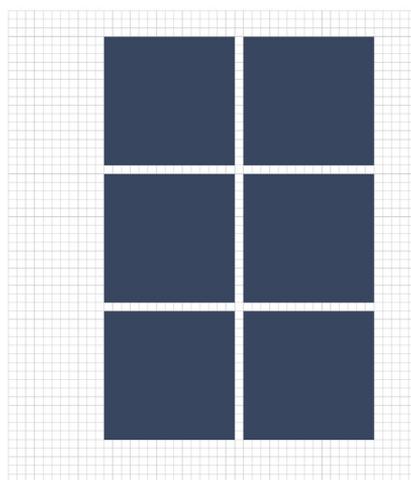


diagrama / modular

De acordo com Bringhurst, as margens:

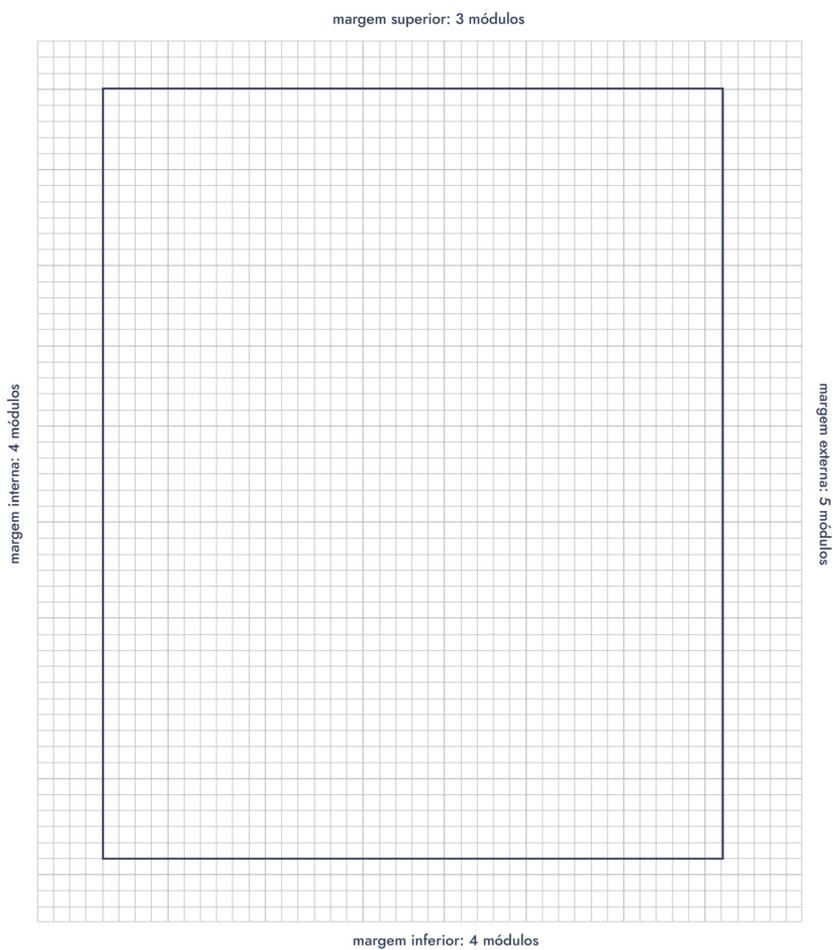
[...] precisam amarrar o bloco de texto à página e amarrar as páginas opostas uma à outra com a força de suas proporções. Em segundo lugar, devem emoldurar o bloco de texto de um modo que se ajuste ao seu desenho. Finalmente, precisam proteger o bloco de texto, facilitando a visualização do leitor e tornando o manuseio conveniente [...] (BRINGHURST, 2015, p. 181).

Sendo assim, foram definidos os valores para as margens da publicação. Como apresentado na figura 30, as margens externas apresentam o valor de cinco módulos (23,281 mm), de modo a proporcionar espaço para o manuseio do livro, sem prejudicar a visualização do conteúdo. As margens internas foram estabelecidas com o valor mínimo de quatro módulos (18,625 mm), para deixar espaço para a encadernação da publicação. As margens superiores apresentam o valor de três módulos (13,969 mm) e as margens inferiores, o valor de quatro módulos (18,625 mm), para acomodar o fôlio na parte inferior da página.

configuração e ativação da linha de base

A linha de base auxilia na padronização e na modularização dos textos da publicação. É definida de acordo com a entrelinha e serve como a base de sustentação para o texto, garantindo que este fique alinhado ao grid. A entrelinha do corpo de texto foi definida como tendo 13,2 pontos, sendo assim, a linha de base segue esse valor.

Figura 30:
representação das
margens



definição dos elementos textuais da estrutura técnica

A publicação conta com poucos elementos textuais. A folha de rosto faz a introdução da publicação, seguida da apresentação e do sumário. O livro conta com divisões que dissertam sobre os fotógrafos, sendo que cada uma apresenta um fotógrafo, as suas fotografias selecionadas, assim como um breve texto sobre seu processo de criação, referências e como utiliza a fotografia como meio de expressão.

espelho da publicação

O espelho define a ordem dos conteúdos presentes da publicação, serve como meio de organizar e planejar o conteúdo editorial, assim como otimizar a diagramação.

A publicação é introduzida com a folha de rosto, seguida pela apresentação e sumário. Em seguida, são apresentadas as quinze divisões contendo os trabalhos dos fotógrafos. Cada divisão é aberta com uma fotografia, nome e instagram do fotógrafo e tem entre quatro e cinco *spreads* por fotógrafo, incluindo algumas fotografias e um breve texto sobre o trabalho do fotógrafo, apresentando um pouco sobre seu estilo e o modo como ele utiliza diferentes elementos da fotografia para se expressar. A figura 31 apresenta o espelho da publicação resumido, visto que as aberturas das divisões seguem o mesmo padrão e os *spreas* com seus trabalhos podem sofrer alterações na disposição das imagens e do texto.

Os fotógrafos não aparecem na publicação seguindo uma ordem específica. Entretanto, optou-se por não deixar fotógrafos com estéticas ou estilos muito parecidos muito próximos, de modo a manter o interesse do leitor no decorrer da publicação.

definição da proposta cromática

No geral, a publicação utiliza como cores principais o branco, preto e bege. As divisões podem utilizar outras cores que estejam relacionadas com o trabalho dos fotógrafos apresentados, seguindo a paleta de cores das fotografias escolhidas.

As páginas com fotografias utilizam, preferencialmente, o branco como cor de fundo, de modo a não interferir nas fotografias expostas.

Os textos podem ser apresentados utilizando as três cores principais, assim como outras cores, desde que apresentem relação com as fotografias apresentadas. Em geral, a fonte na cor branca pode ser utilizada para fundos escuros e coloridos.

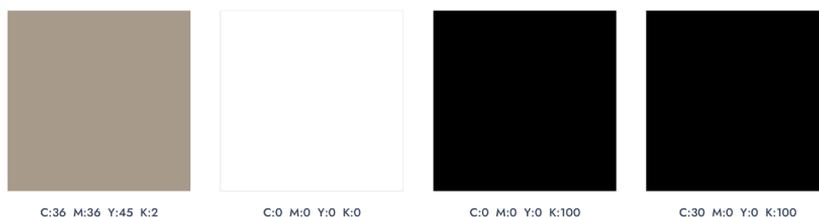


Figura 32:
escala de cores
CMYK

definição da proposta tipográfica

Como mostram Castro e Perassi (2018, p. 33), “A quantidade total de espaço vertical em cada desvio do texto principal para a inserção de elementos gráfico-editoriais (título, olho, citação, legenda, etc.) deve ser necessariamente múltiplo comum da entrelinha básica do tipo de texto”, de modo a garantir boa organização dos elementos na página.

Sendo assim, considerando o valor de entrelinha escolhido de 13,2 pontos, as entrelinhas múltiplas dos elementos gráfico-editoriais devem ser: 26,4 pontos, 39,6 pontos, 52,8 pontos, etc.

De acordo com Bringhurst (2015), a escala é fundamental para a composição de uma página e pode ser utilizada para criar variedade rítmica. Para a criação de uma escala modular foi utilizado o valor que corresponde ao tamanho do corpo de texto, 11 pontos, como valor base. A razão escolhida para ser utilizada foi de 1:1,1 (figura 28), podendo ser utilizada sem obrigatoriedade, em elementos gráficos no decorrer da publicação.

Jost 11pt
Jost 12,1pt
Jost 13,3pt
Jost 14,6pt
Jost 16,1pt
Jost 17,7pt
Jost 19,5pt
Jost 21,4pt
Jost 23,5pt
Jost 25,9pt
Jost 28,5pt
Jost 31,4pt

Figura 33:
representação da
escala modular

A figura 34 exemplifica as variações dos tamanhos e estilos de fonte do projeto.

As páginas pré-textuais podem apresentar corpo de texto seguindo o padrão de 11 pontos, na fonte Jost Regular.

As aberturas das divisões, contendo os trabalhos dos fotógrafos selecionados, seguem um padrão, contendo o nome do fotógrafo na fonte Jost Medium com tamanho de 31,3 pontos e seu instagram na fonte Jost Light em 13,3 pontos.

Legendas ou pequenos textos adicionais utilizam a fonte Jost Light, com tamanho de 10 pt.

Podem ser utilizados olhos de matérias na versão Italic e Medium Italic da fonte Jost em 28,5 pontos, para destacar falas dos fotógrafos apresentados.

Legenda Jost Light 10pt

Corpo de texto Jost Regular 11pt

Instagram Jost Light 13,3pt

Olho Jost Semibold 28,5pt

Abertura Jost Medium 31,3pt

Figura 34:
elementos
gráfico-editoriais

Buscando ir ao encontro dos conceitos da publicação, com o objetivo de tornar os blocos de textos mais dinâmicos e visualmente mais interessantes, os textos retirados das entrevistas possuem capitulares que marcam o início de uma nova divisão e ocupam o total de três linhas, na mesma fonte do texto, versão Medium.

Além disso, com o objetivo de tornar o texto mais agradável visualmente, esses blocos apresentam hifenização e justificação, com a última linha alinhada à esquerda. Também possuem recuos de parágrafo, que são equivalentes a dois módulos.

proposta gráfica e imagens

O livro não conta com elementos gráfico-editoriais não textuais.

As fotografias apresentadas no livro foram escolhidas em conjunto com os fotógrafos, sempre utilizando suas edições originais.

A criação da capa e da marca gráfica foram feitas pensando em trazer os conceitos contemporâneo e minimalista.

O título do livro, 35mm, foi representado utilizando a fonte sem serifa Raleway. Os layouts testados foram simples e com pouquíssimos elementos, de modo a representar o conceito minimalista.

As fotos escolhidas para os testes de capa são de fotógrafos apresentados no decorrer da publicação e as cores selecionadas para os testes são neutras, tendo como objetivo manter o conceito de minimalismo proposto.

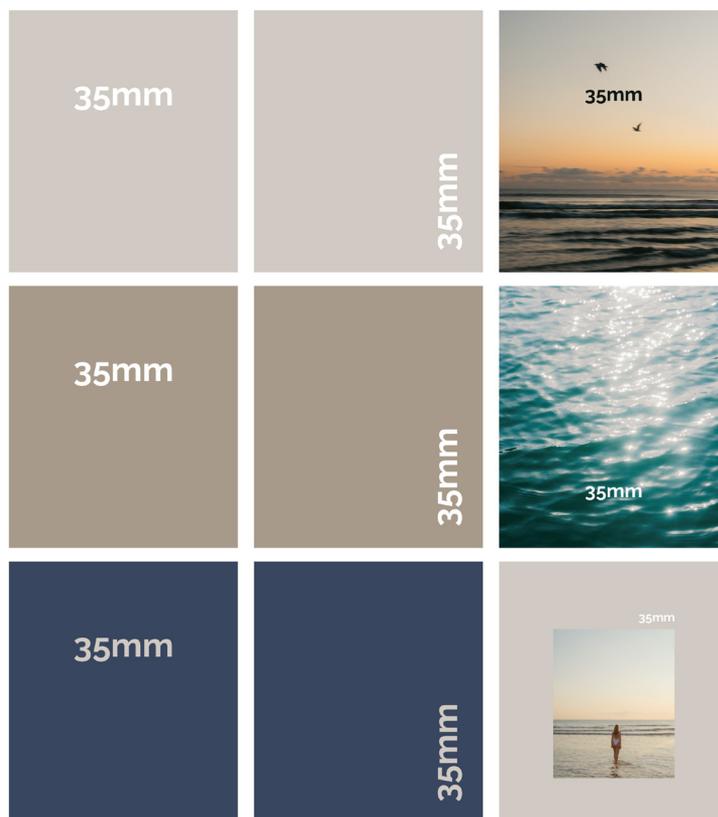


Figura 35:
experimentações de
modelos de capa

8 modelo

Com a estrutura da publicação definida, iniciou-se a construção de um modelo, de modo a testar os elementos em conjunto e verificar sua usabilidade.

Assim que as fotografias a serem utilizadas na publicação foram selecionadas, alguns testes foram feitos utilizando-as na diagramação para ver como o layout ficaria com os elementos e se seriam necessárias fotos adicionais.

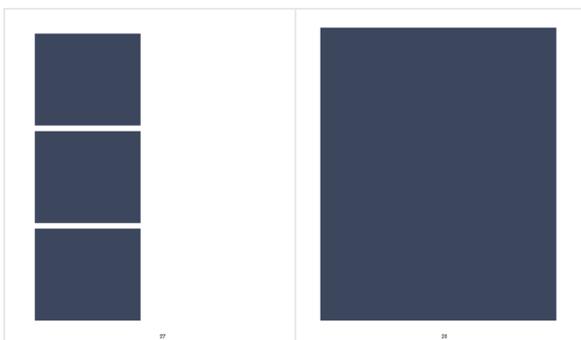
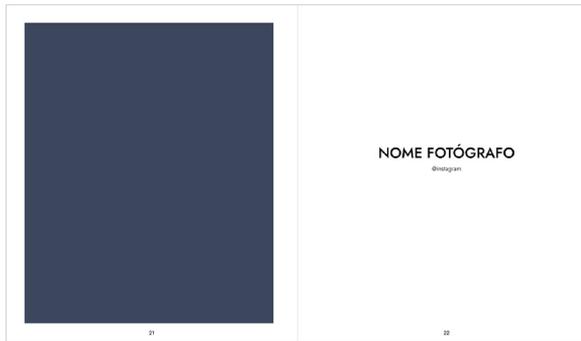


Figura 36:
 modelo da publicação



“Gosto muito de explorar a relação do feminino com a nudez. Acredito que a fotografia analógica está muito ligada com a sensibilidade e beleza do corpo feminino.”



Fotógrafo há sete anos, conheci quando meus pais me deram uma câmera no meu aniversário de quinze anos. Naquela época eu fotografava paisagens, viagens de família e festas, levava minha câmera pra todos os lugares.

Meu interesse por meio da fotografia captando as texturas e formas, as maneiras com que a luz molda e transforma as superfícies em que toca. Gosto de trabalhar com luz natural pois tudo é sempre inesperado, é um mundo novo a ser descoberto a cada vez que se fotografa, cada cena é única e cada filme é um. O filme me transmite esse sentimento também, em nenhum outro, esse respeito químico, o sentimento de restrição que faz com que se olhe e absorva antes de fotografar, existe um lapso de tempo onde tudo para e a gente tenta e aproxima todos os olhos através do visor, um tempo longínquo do digital onde tudo é realizado e nada em incessantes cliques contínuos.

BARBARA JOHNSON

26

27

Figura 37:
exemplos de testes
de layout



Figura 38:
exemplos de testes
de layout

*“Gosto muito de explorar a
relação do feminino com a nudez.
Acredito que a fotografia analógica
está muito ligada com a sensibilidade
e beleza do corpo feminino.”*



9 verificação

Com base nos testes realizados na etapa anterior, foi possível notar que alguns aspectos poderiam ser melhorados. Sendo assim, foram feitas pequenas modificações e ajustes em alguns elementos.

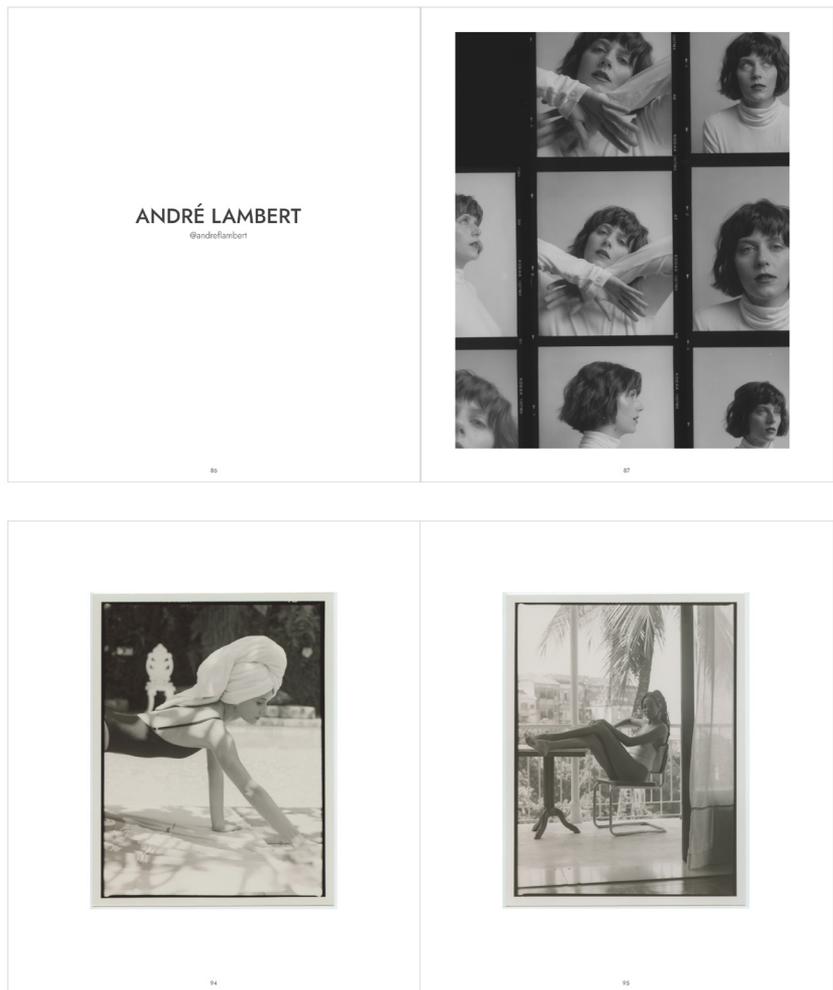
O tamanho da fonte utilizada no fólio foi reduzido de 11 pt para 9 pt. Desse modo, a página apresentou um layout mais *clean*, o que traz mais atenção às fotografias apresentadas.

Os *spreads* contendo as aberturas dos trabalhos dos fotógrafos foram modificados de modo a deixar o nome do fotógrafo apresentado na página esquerda e sua foto de abertura na página direita, como pode ser visto na figura 39. Foi notado que desse modo as divisões entre fotógrafos ficam mais claras.

As imagens também foram organizadas sem seguir necessariamente os diagramas colunares e modulares, priorizando a diagramação livre das fotos e resultando em uma diagramação mais livre, de modo a possibilitar composições mais interessantes visualmente e também incorporando tamanhos originais das imagens.

O número de *spreads* por fotógrafo também sofreu alterações: variou entre quatro e cinco *spreads* por fotógrafo, o que resultou em um total de 140 páginas.

Figura 39:
exemplo de abertura
e *spreads* com fotos
atualizados



10 desenho de construção

A etapa da diagramação é a parte que coloca em prática os estudos e decisões tomadas nas etapas anteriores, seguindo as recomendações e especificações levantadas. Sendo assim, foram utilizadas as páginas mestre criadas para a diagramação do livro.

O diagrama modular foi utilizado nas páginas contendo os textos das entrevistas com os fotógrafos e o diagrama retangular foi utilizado nas aberturas contendo a fotografia de abertura dos fotógrafos, assim como em páginas que apresentam um layout com diagramação mais livre, de modo a limitar o conteúdo às margens. Vale lembrar que as fotografias não seguiram, necessariamente, os diagramas e limites de margens, de modo a criar layouts mais interessantes visualmente.

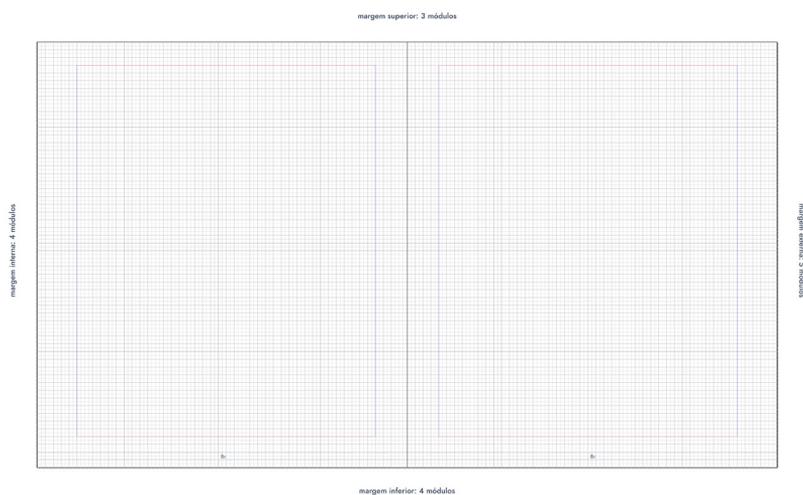
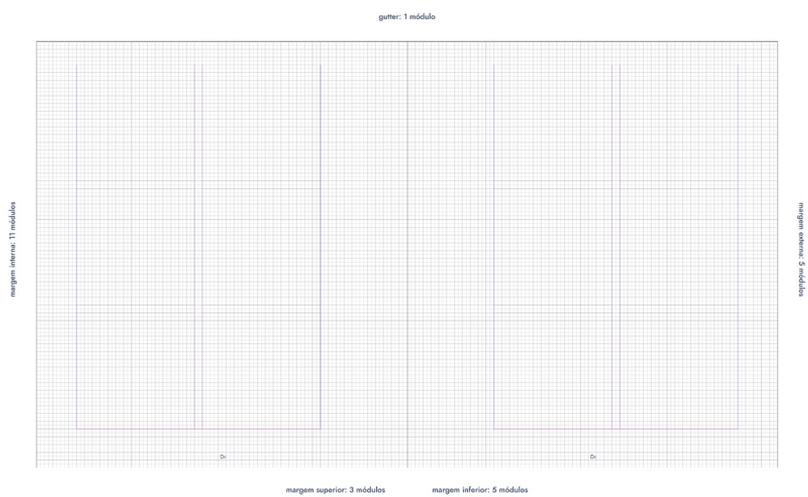


Figura 40:
página mestre diagrama
retangular

Figura 41:
página mestre
diagrama modular



As aberturas das partes contendo os trabalhos dos fotógrafos apresentam layout minimalista, apresentando apenas o nome e o Instagram do fotógrafo, seguidos de uma imagem de abertura, como mostra a figura 42.

O nome do fotógrafo foi apresentado na página do lado esquerdo do *spread*, de modo a evidenciar o início de uma nova parte. Todas as imagens apresentadas na abertura das partes apresentam o mesmo tamanho, seguindo o diagrama retangular apresentado.

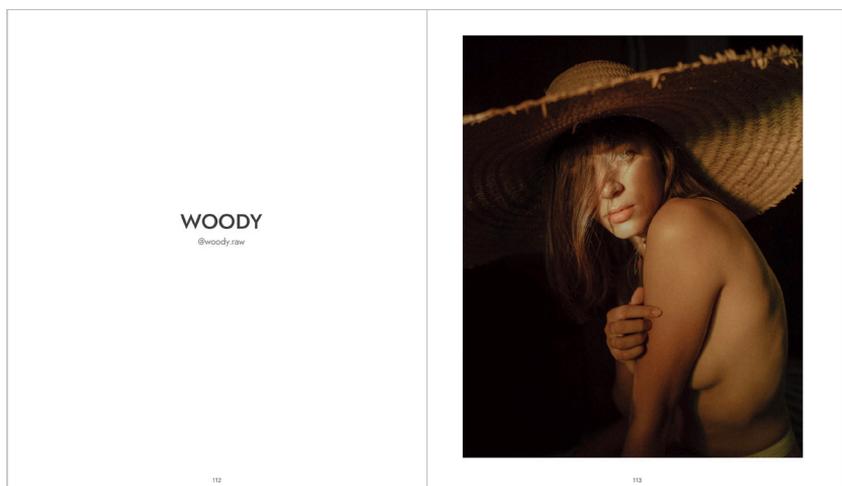
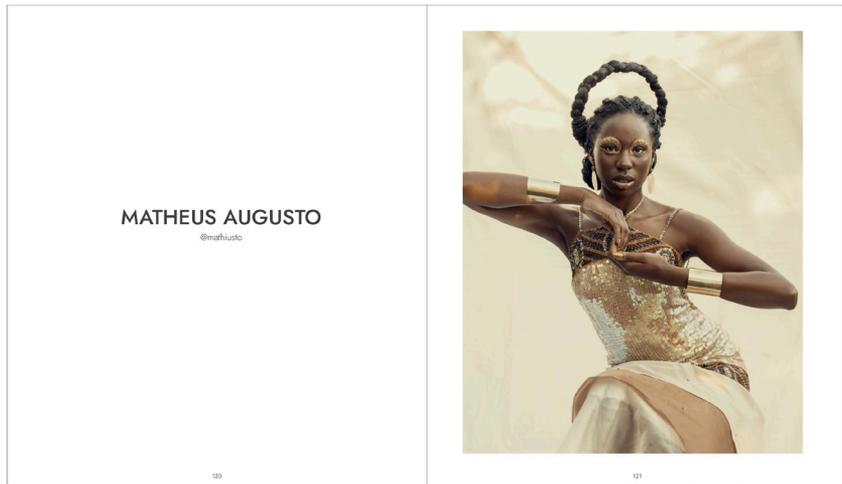


Figura 42:
exemplos de aberturas

De modo a reforçar as estratégias de design definidas e tendo em vista que as fotografias possuem papel principal no livro, os *spreads* trazem layouts, em sua maioria, minimalistas e dinâmicos, com poucos elementos. A diagramação dos *spreads* e as posições das imagens variam, de modo a captar a atenção do leitor e criar maior interesse visual.

As imagens foram selecionadas com o aval dos fotógrafos e foram posicionadas nas páginas de modo a formar uma composição harmônica e visualmente interessante. Por este motivo, as páginas foram diagramadas sempre tendo a composição do *spread* em mente, com imagens que se complementam. A figura 43 mostra um *spread* contendo duas imagens do mesmo ensaio. O fato de as imagens apresentarem similaridades e de serem apresentadas em escalas diferentes capta a atenção do leitor e torna a composição mais atraente do que imagens que não conversam entre si.

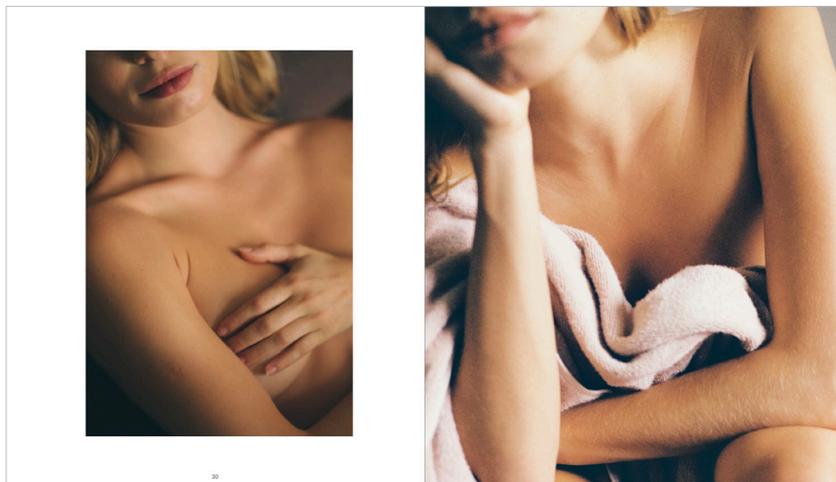


Figura 43:
exemplo de *spread*
com duas imagens

Outros *spreads* utilizaram mais de uma imagem por página, como mostra a figura 44. As imagens selecionadas para essas composições também pertencem a um mesmo ensaio e foram escolhidas por apresentarem uma narrativa visual quando vistas em conjunto. Desse modo, a interpretação das imagens pelo leitor se transforma em uma pequena história.

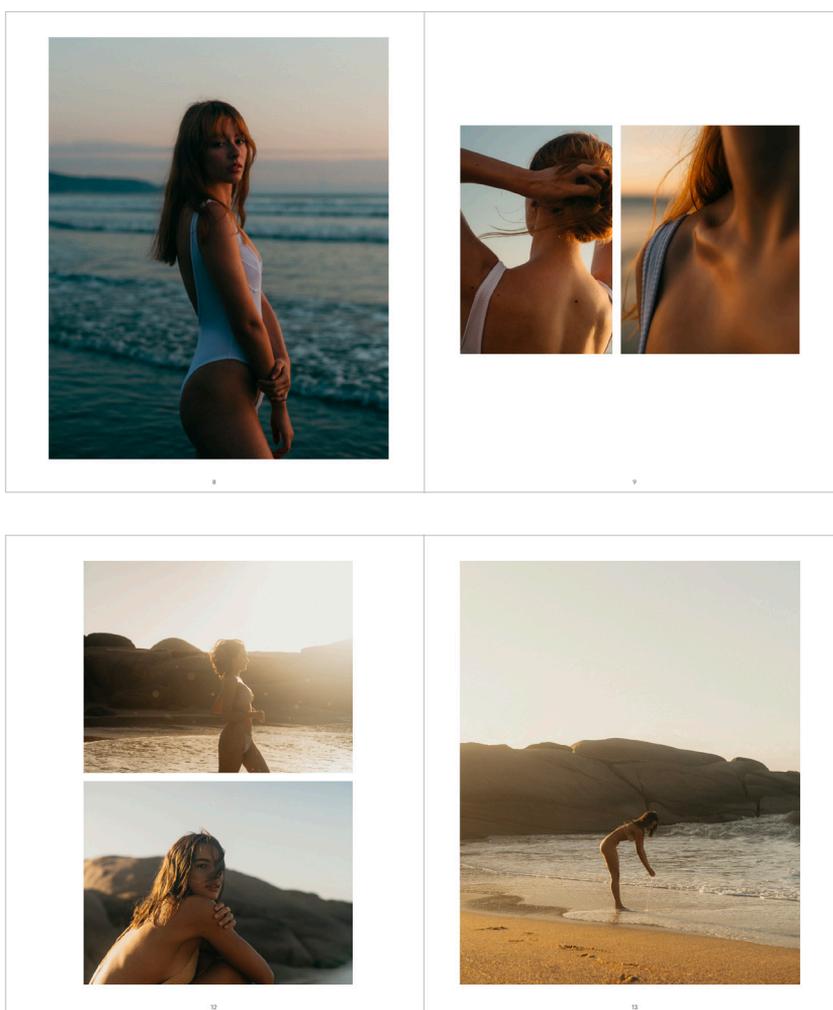


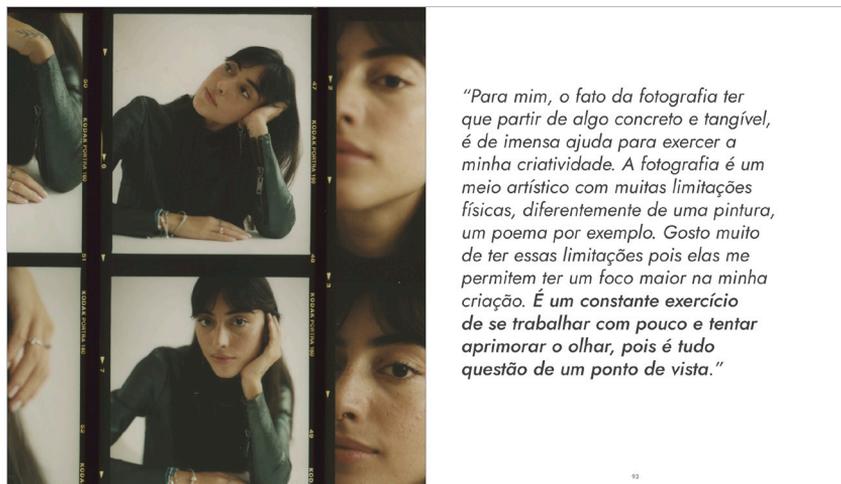
Figura 44:
exemplo de *spreads* com
mais de duas imagens

Alguns *spreads* foram selecionados para conter citações retiradas das conversas com os fotógrafos. Essas páginas apresentam a citação em uma página e uma imagem em outra, de modo a manter o *spread* com aspecto minimalista, mas criando um novo ponto de atenção para o leitor.

As páginas com as citações são apresentadas de dois modos: com a fonte colorida em fundo branco ou com a fonte branca por cima de uma cor de fundo, como pode ser visto na figura 45.

As cores foram escolhidas com base nas fotografias apresentadas no *spread* de modo a permanecer na paleta de cores utilizada pelo fotógrafo e apresentada nas fotografias, criando um layout harmônico.

Figura 45:
exemplo de *spreads*
com citações



A estética minimalista da capa do livro dá espaço às fotografias, tornando seu conteúdo o foco principal da publicação.

Dentre as opções de utilizar uma fotografia de um dos fotógrafos participantes e utilizar apenas uma cor na capa, a opção da cor foi a escolhida. Desse modo, o livro se apresenta como um suporte, um meio para conduzir o leitor pelas histórias contadas através das fotografias.

O design escolhido está representado na figura 46. Com apenas os elementos necessários, a frente da capa e a lombada apresentam apenas o título do livro, 35mm e o nome da autora do livro. A contracapa apresenta os nomes dos fotógrafos participantes, que são parte fundamental deste projeto.

A capa apresenta as medidas de 448,69 mm por 256,09 mm, contando com o espaço para a lombada, de 14,6 mm.

O cálculo para o tamanho da lombada foi feito com base nas referências de Cesar (2006) que afirma que o valor do número de páginas deve ser multiplicado pelo dobro do valor da gramatura do papel. Esse resultado é então dividido por 28.800, como pode ser visto a seguir:

$$140 \text{ páginas} \times 150\text{g/m}^2 \times 2 : 28800 = 1,46 \text{ cm}$$



Figura 46:
layout da capa

O sumário também segue a proposta da estética minimalista, apresentando os nomes dos fotógrafos em forma de lista, junto às páginas onde seus trabalhos são apresentados.

Figura 47:
sumário

| | | |
|--|-----|--------------------|
| | 06 | wam correias |
| | 16 | lainá bernard |
| | 24 | bobi brasil |
| | 34 | lus dalvin |
| | 42 | alme volpato |
| | 50 | matheus ern |
| | 60 | rafael lange |
| | 70 | helisa vecchio |
| | 78 | well naves |
| | 86 | andré lambert |
| | 96 | jean affeld |
| | 104 | cicó de souza |
| | 112 | woody |
| | 120 | matheus augusto |
| | 130 | carolina bonatelli |

O arquivo conta com um pequeno espaço de sobra, a sangria, que é uma pequena margem utilizada para garantir que as imagens que ultrapassam os limites da página não sejam cortadas, de modo que não sobrem bordas brancas indesejadas. Para este projeto foi deixada uma sangria de cinco milímetros.

11 solução

A impressão foi realizada seguindo os pré-requisitos estabelecidos no item 6 deste relatório, materiais e tecnologia.

As imagens a seguir apresentam o projeto gráfico editorial do livro aplicado em *mockups*, que são representações digitais do produto.

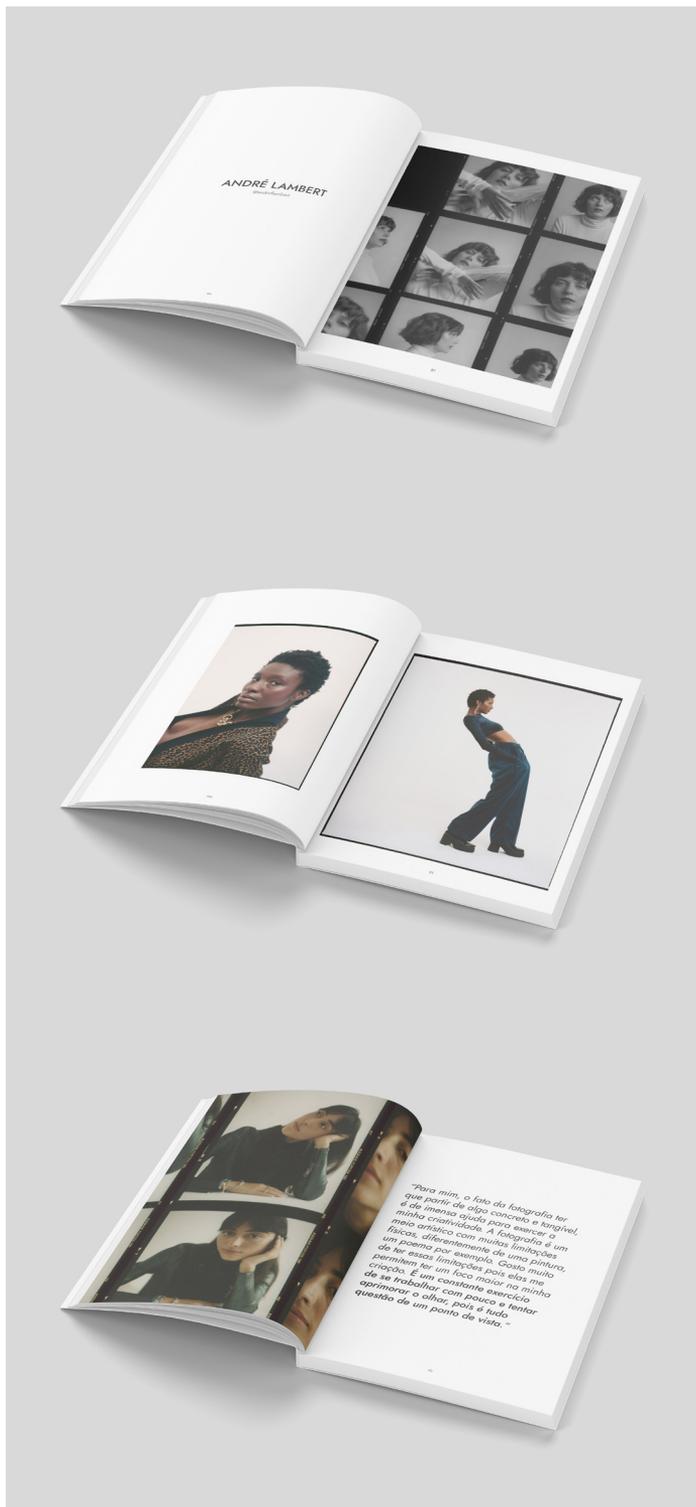
Figura 48:
mockups do livro





Figura 49:
mockups do livro

Figura 50:
mockups do livro



12 conclusão

O presente trabalho teve como objetivo aplicar os conhecimentos adquiridos durante o curso de design no projeto gráfico editorial de um livro fotográfico. Além de possuir importância profissional e acadêmica, foi uma forma de aliar um projeto de conclusão de curso com um interesse muito presente na minha vida, a fotografia. É muito gratificante poder incorporar algo que amo e, principalmente, pessoas que eu admiro em um projeto que marca o fim de um período de imenso aprendizado.

As conversas e entrevistas com os fotógrafos aumentaram meu entendimento sobre os diversos meios de expressão através da fotografia: a utilização da luz, cores e composições para abordar temas de importância para os fotógrafos, cada um com a sua maneira, buscando transmitir algo. Poder entender um pouquinho mais sobre seus processos de criação e suas similaridades com os processos que eu percorro para criar algo no campo de design abriu minha mente e me mostrou novos caminhos.

A metodologia serviu como orientação para a construção do livro. As etapas com objetivos específicos facilitaram o ritmo de trabalho e a organização do andamento do projeto como um todo.

Ao fim das etapas do processo, acredita-se que, de modo geral, os objetivos e conceitos foram aplicados com efetividade de modo a transmitir os conceitos desejados, portanto, conclui-se que foi possível alcançar o resultado desejado com sucesso.

referências

APFELBAUM, Sue; CEZZAR, Juliette. **Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile**. Rockport Publishers, 2014.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico: versão 4.0**. 3 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CALDWELL, Cath; ZAPPATERRA, Yolanda. **Design editorial: Jornais e revistas / Mídia impressa e digital**. 1. ed.. São Paulo: Editora G. Gili Ltd, 2014.

CASTRO, Luciano de; PERASSI, Richard. **Estruturação de projetos gráficos: A tipografia como base do planejamento**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

CESAR, Newton. **Direção de Arte em Propaganda**. Brasília: Editora Senac, 2006.

DAVENPORT, Alma. **The History of Photography: An Overview**. University of New Mexico Press, 1999.

FABRIS, Annateresa; COSTA, Cacilda Teixeira. **Tendências do livro de artista no Brasil**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo; 1985.

LANGFORD, Michael. **Basic Photography**. 7. ed. Local de publicação: Focal Press, 2000.

MARIEN, Mary Warner. **Photography: A Cultural History**. Laurence King Publishing, 2006.

MEÜRER, Mary Vonni. **Seleção Tipográfica no Contexto do Design Editorial: um modelo de apoio à tomada de decisão**. 2017. 222 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Lisboa: Edições 70, 1981.

PANIZZA, Janaína. **Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, USP: São Paulo, 2004.

PARR, Martin; BADGER, Gerry. **The Photobook: A History**. Volume I. Londres: Phaidon 2005.

PHOSGRAPHEIN in **Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras.**, 2021. <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/fotografia/>>. Acesso em maio de 2021.

ROUILLÉ, André. **A Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução de Constancia Egresas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Thiago. et al. **A Expressão Fotográfica: do Documental à Arte Contemporânea**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XIII, 2011, Maceió. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0945-1.pdf>. Acesso em 02 de Julho de 2020.

SOARES, Lílian. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Revista Poiésis, n. 15, p. 243 - 246, Jul. de 2010.

WADE, John. **The Leica I: The Camera that Changed Photography**. Shutterbug, 13 de Julho de 2015. Disponível em: <<https://www.shutterbug.com/content/leica-i-camera-change-photography>>. Acesso em maio de 2021.

WOLFE, Shira. **Styles of Photography**. Artland Magazine, 27 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://magazine.artland.com/styles-of-photography/>>. Acesso em maio de 2021.

apêndices

entrevista #01 wam ornelas

@ornelaswam

Há quanto tempo você fotografa?

Comecei a fotografar em 2017 como um hobby e continuei fotografando desde então, mas profissionalmente mesmo faz um ano.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Meu estilo se encaixa em Lifestyle e retratos.

Gosto muito da fotografia pois me permite conectar com pessoas e conhecer novos lugares, que é algo que eu gosto muito de fazer.

Eu gosto de trabalhar com fotografias lifestyle. Esse estilo me encanta muito. Pra mim, é um dos estilos que mais transmite sentimentos. Por meio das minhas fotos, busco trazer um sentimento e transmitir a emoção do momento. Meu objetivo é que quem esteja vendo a foto se sinta bem, que isso a inspire a fazer algo.

Gosto muito de fotografar pessoas e busco trazer um storytelling para as fotos, pois acho que isso agrega na fotografia e ajuda a transmitir o que quero através da foto. Algo que estou procurando é fazer com que a experiência das fotos seja genuína, não algo encenado. Assim o resultado fica mais interessante e verdadeiro.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Para cada tipo de ensaio tenho um processo diferente (marcas, clientes, autoral).

Costumo começar escolhendo o local. Faço as outras escolhas com base no local onde as fotos serão feitas. Em seguida monto um painel de referências de estilo de fotos, cores, mood e roupas. Depois disso, defino qual vai ser o storytelling do ensaio.

Minhas inspirações tendem a vir de fotógrafos que admiro e os utilizo como referência na hora de criar. Alguns deles são Samuel Elkins, Andrew Kearns e André Josselin.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Como falei, meu objetivo é inspirar quem está vendo uma foto minha a fazer algo, é passar um sentimento bom. E isso está muito relacionado com a natureza, porque é uma coisa que eu curto muito e me faz muito bem.

Eu sempre tento trazer algo mais leve, sentimentos mais alegres e procuro usar as cores e iluminação para isso. Além da composição, acho que as cores contribuem muito para compor uma boa foto. Por isso sempre busco criar uma paleta de cores harmônica e que tenha a ver com o sentimento que desejo passar.

Gosto de fotografar no nascer e pôr do sol, por serem horários onde as luzes e sombras dão mais volume. São momentos únicos que proporcionam belos cenários e dão um mood diferente para as fotos. Busco fotografar com tons mais quentes, como amarelos e laranjas, usando o azul como cor complementar, por ser uma boa combinação e ter a ver com o estilo que costumo fotografar.

entrevista #02
rafael lange
@rglange

Há quanto tempo você fotografa?

Comecei a tirar fotos em uma aula de fotografia na faculdade, mas não considero que foi ali que comecei a fotografar. Em 2016 comecei a fotografar com a câmera da minha mãe e em janeiro de 2017 comprei minha lente, 50mm para Nikon e comecei a fotografar em viagens, etc, mas era por hobby mesmo. Considero que foi em julho que realmente comecei a fotografar, fui convidado para participar de um meet de fotógrafos e foi ali que comecei a fotografar outras pessoas e decidi começar a estudar fotografia.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Desde que participei do meet, comecei a fotografar pessoas e vi que era o que eu gostava. Achava muito legal quando as fotos criavam contextos, cenas, comecei a trazer isso no meu estilo de direção. Comecei a me comparar com as referências que eu tinha e vi que o que eu realmente gosto é transmitir sentimento, não só criar algo bonito, prático e comercial. Gosto de criar fotografias onde o espectador pare por um segundo para ver a foto e pensar sobre o sentimento e emoção que ela transmite.

Se eu tivesse que resumir, seria isso. Gosto de retratar sentimentos, normalmente através de pessoas.

De uma maneira subjetiva, eu não tinha tanta personalidade e a partir do momento que comecei a fotografar, vi um meio de me expressar, tudo o que eu estava observando. Foi a primeira vez que senti que estava comunicando algo e foi a primeira vez que a vulnerabilidade não me deu medo, me senti confortável para aceitar opiniões, críticas. Achei uma maneira de me expressar.

Mas demorei muito tempo para achar meu estilo. Sabia que era retrato, mas era muito abrangente. Até que vi que tudo o que eu gostava passava um sentimento, parava o espectador. Eu categorizo meu estilo como fotografia sentimental, que é uma junção de retratos e fine art, que é uma fotografia subjetiva, que se relaciona mais com a arte, cria sentimento e provoca reflexões.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Reparei que antes me preocupava mais com sair para fotografar e exercitar. Com o tempo fui querendo cada vez mais planejar antes de retratar. É difícil, quando quero passar sentimento, dar sorte de encontrar lugar, roupa, modelos de uma forma não planejada, que possam transmitir isso.

Meu processo quando vou fotografar é pensar no que eu quero transmitir, qual sentimento vou abordar. Isso me guia pra escolher as cores que eu vou trabalhar, o local e também o estilo de direção.

A primeira coisa que vem na minha cabeça quando quero fazer fotos é o que a pessoa que vai ver essa foto vai sentir. Depois penso no lugar que possa transmitir a história, e depois as roupas e modelo que tenham a ver com essa história.

Como exemplo: com um modelo, usei a letra de uma música para retratar o que o personagem passa na música: de empolgado e confiante no início de um relacionamento ele passa para um estado de vulnerabilidade e decepção. Para fazer isso, escolhi fotografar de noite, já que a pouca presença de luz facilitaria passar esse sentimento. Esse foi o primeiro guia. Depois escolhi fotografar na cidade e criei uma cena, onde o modelo estaria esperando a menina, animado. Ele percebe que ela não vai vir e fica ansioso, inquieto e cada vez mais vulnerável. Representei isso mudando o ângulo da câmera, usando um ângulo com a câmera alta. Até que decide sair, retrato ele andando, em movimento. Termina com ele indo para casa decepcionado e despedaçado.

O que eu fiz então foi pegar uma história, vi os sentimentos presentes e moldei o ensaio: roupa, lugar, modelo, para direcionar e criar narrativa de modo que eu conseguisse retratar e passar o sentimento.

Agora sinto que é necessário planejar para chegar no resultado que eu quero, por isso gosto de pensar nos detalhes.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Eu vejo a minha fotografia hoje como uma forma de transmitir sentimentos para as pessoas. Acho que é a forma que achei para me expressar, me abrir. Acho que atualmente muito do que consumimos no audiovisual é vazio, com um apelo apenas estético. Por isso procuro

sempre trabalhar um sentimento específico, colocando ele como o tema central das minhas obras, e assim transmitindo uma mensagem. Para isso procuro sempre harmonizar as cores, tema e as composições de uma forma que o espectador interprete e projete em si o sentimento, a emoção ali presente.

entrevista #03 tainá bernard

@tainabernard

Há quanto tempo você fotografa?

Eu fotografo desde 2015, faz seis anos.

Na verdade meu trajeto começou do avesso, comecei no photoshop fazendo colagens e editando fotos, pra passar o tempo mesmo.

Aos 16 comecei a trabalhar em um estúdio fazendo pós produção e gostava bastante. Quando entrei na faculdade, meu pai me deu uma câmera e nessa época eu já tinha certeza que o que eu queria era estar no set de moda. Durante um tempo eu experimentei de tudo, trabalhei numa marca de moda e durante esse tempo eu tive a oportunidade de ajudar durante a produção de um catálogo e fiquei muito encantada, trabalhei fazendo um pouquinho de tudo e percebi que era ali que eu queria estar, em um lugar alegre, onde as pessoas colocam música e dão risada enquanto trabalham. Hoje em dia sei que não é sempre assim, mas em geral meu trabalho é bem divertido.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Quando comecei, tinha em mente que ia fotografar moda. Isso não era uma dúvida, porque eu já estava fazendo faculdade de moda e estava bem envolvida. Acabei unindo duas paixões, a fotografia (amo pesquisar e pensar nas referências e conceitos) com a moda. Esse caminho foi muito óbvio e moldou muito minha fotografia.

Meu estilo foi se formando entre coisas que eu gosto, as possibilidades e o equipamento que eu tinha no momento. Bem no começo, tinha uma 18.55 e viajei muito na distorção (da lente) e acabei me apaixonando. Descobri que podia criar coisas muito diferentes com a distorção e agora isso é uma grande parte do meu estilo. A partir daí foi fluindo, comecei com flash, bem trash, no estilo dos anos noventa. Depois disso comprei um softbox e isso foi um passo bem grande na minha fotografia. A luz artificial é uma parte bem grande do meu trabalho, sempre achei muito divertido e sempre esteve presente. O engraçado é que isso é o contrário do que normalmente acontece, né? Normalmente as pessoas começam com luz natural e depois de um tempo passam pra luz artificial.

Quando eu posso, gosto de contar uma história, criar narrativas, nem que seja pelo acting dos modelos ou por meio dos elementos presentes na cena, busco achar um meio de remeter algo que eu gostaria de contar. A parte semiótica na fotografia me encanta. Acho importante pensar no que eu quero passar através da imagem e como vou conseguir fazer com que isso chegue em quem vai ver a foto. Acho isso muito importante e nunca deixo de considerar.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Eu trabalho com os dois, sempre penso nas possibilidades e condições do ensaio, mas tenho em mente que algo inesperado pode acontecer e nem sempre é possível me manter no que eu tinha planejado.

Por exemplo, sobre o ensaio que eu fiz em São Paulo com o Opala. Um amigo meu tinha esse carro e gostaria de vender. Para isso ele precisava fazer fotos e me perguntou se eu poderia fazer pra ele. Em troca, eu pedi pra fazer um editorial com o carro.

Foi meu primeiro editorial em SP e o Opala tem muita importância sentimentalmente pra mim. Juntei uma amiga e algumas roupas na vibe retrô que tínhamos pras fotos, no dia do ensaio o namorado dela estava lá e como ela havia levado algumas roupas pra ele, me pediu pra tirar fotos dos dois também. Quando ele entrou em cena, ele destruiu! Ele encarnava as emoções, começou a atuar e em um ponto sugeriu colocar um batom vermelho. Construimos a narrativa na hora, e foi uma questão de adaptar o que eu tinha e criar em cima disso. Foi incrível e rendeu fotos absurdas.

Acredito que seja importante pensar anteriormente, mas também estar aberto a observar as oportunidades que acabam surgindo, que podem transformar o editorial.

Outra experiência que eu tive foi durante um shooting pra uma marca, fizemos o editorial durante a noite na lagoa, no escuro. Estávamos usando um flash e ele caiu na água nos primeiros 10 minutos. Eu tinha alguns looks pra fotografar ainda e fiquei preocupada em como ia dar conta disso. Acabamos fazendo a sessão de fotos inteira com a luz do farol dos carros. Precisei me adaptar ao perrengue, no começo fiquei muito preocupada pois iria precisar do equipamento pra outro job, mas mantive o ânimo e usei o que eu tinha pra dar conta do trabalho.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Dias atrás eu cruzei com um livro do Tim Walker, um dos meus fotógrafos favoritos, e encontrei essa frase, que diz muito sobre a minha relação com a fotografia. Em tradução livre: “Quando você é um fotógrafo de moda, tudo é planejado desde o início. Nada é real. Então, o que você está tentando fazer neste mundo falso é criar um momento real instalando autenticidade no artifício.”

Eu comecei a minha jornada na fotografia já estando dentro da moda. Para mim foi sempre sobre criar um universo novo, uma história. É como escrever um romance. Eu deixo a realidade para os meus colegas fotógrafos de jornalismo, documentais ou de eventos. O meu negócio é sobre a fantasia e imaginação.

entrevista #04 matheus ern

@matheus.ern

Há quanto tempo você fotografa?

Comecei em 2015, fotografando paisagens. Tinha a câmera dos meus pais, uma fujifilm e ela ficava largada. Quando a gente saía, eu aproveitava pra dar umas voltas e fotografar. Curtia ficar sozinho fazendo isso. Sentia que faltava algo, minha amiga recomendou fotografar pessoas e dali não parei.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Eu diria que o meu estilo, quando comecei me espelhei em fotógrafos de moda por conta da representatividade. Seguia Kelvin Yule no facebook e ele postou o porquê de fotografar só gente negra, e ele respondeu pq só gente branca? Isso foi um momento de muita reflexão, tudo o que a moda pode abranger. Isso me impactou e fui me aproximando dessa área

Comecei com paisagem e achava que faltava algo nas minhas fotos, amiga disse que faltavam pessoas, e fui indo

Meu primeiro trabalho da faculdade fiz com uma modelo transgênero e mesmo que seja importante levantar as bandeiras, não divulguei isso, por acreditar que seja algo importante e me identificar

Na parte de criação, gosto de trazer referências de clipes, bandas e músicas estilo, moda para os shootings. A base vem da produção de moda, penso o shooting com base no estilo e vou adaptando os outros aspectos com base nisso.

Fiz o TCC sobre a representatividade de pessoas com deficiência física, conversei sobre como eles se sentiam sobre a representatividade por parte das marcas. Eles comentaram sobre a falta de representatividade, porque só aparecem cadeirantes na época de paraolimpíadas.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Eu costumo pesquisar referências (música, vídeo) antes do ensaio. Mas também tenho muitas ideias ao ver clipes e escutar músicas, os elementos me inspiram e eu gosto muito de poder passar esse feeling por meio das fotos. Busco referências com base nisso e escolho o que pode combinar mais com o que desejo criar.

Já senti que mudei bastante nesses últimos tempos, o que eu estou consumindo mudou, então conseqüentemente, minhas referências e o que pretendo criar mudou. Isso se refletiu na minha arte. Acho que estou buscando uma vibe um pouco mais casual.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Comecei a fotografar objetos e paisagens aos 13 anos, e nessa época era super informal, fotografava coisas do cotidiano. Com o tempo senti falta de um assunto em específico, porque as minhas imagens não demonstravam movimento nem nada, eram somente fotos bonitas de paisagens. Então introduzi pessoas nas minhas fotos, comecei pelos familiares e amigos e aí comecei a me sentir completo! Consigo usar a fotografia para expressar vários assuntos pessoais e momentos que estou vivendo. Senti uma mudança muito grande de quando saí da minha cidade para o momento que estou vivendo e isso reflete muito nas minhas últimas fotos.

entrevista #05
jean affeld
@affeldjc

Há quanto tempo você fotografa?

Fotografo a três anos e um mês. A data ficou muito marcada pra mim, comecei dia 4 de janeiro de 2018.

Sempre gostei de fotografar como hobby. Como recém tinha entrado de férias da faculdade, peguei o tempo que usava pra estudar e me dedicar a aprender mais sobre fotografia. Aprendi bastante coisa pela internet, cursos e youtube. Foi pra aprender uma coisa nova mesmo, e uma coisa foi levando a outra.

O instagram me influenciou bastante, a seguir na linha de retratos, e fui levando até conseguir trabalhar com fotografia. O meu primeiro ensaio com uma pessoa desconhecida foi em abril de 2018, três meses depois. Meu primeiro cliente foi em junho do mesmo ano, então foi rápido. Em cerca de seis meses já estava com a agenda mais cheia e pedi demissão do lugar onde trabalhava.

Quando eu tinha uma brecha, eu usava para fotografar e estudar. Dei sorte porque meu trabalho era numa pousada, e como eu tinha bastante tempo livre, conseguia focar no instagram. Por conta disso, cresci meu instagram de forma bem rápida e isso me ajudou a ter uma visibilidade maior.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

O meu estilo é uma coisa muito diferente do que eu tinha pensado no início.

Percebi que a fotografia tinha um potencial profissional pra mim quando fotografei minha gatinha, e percebi que consegui retratar o olhar e personalidade, quem ela era, por meio da foto. Aí decidi que gostaria de fotografar bichinhos adotados e promover a adoção por meio das fotos, nisso comecei a pensar que fotografar os donos ajudaria.

Eu percebi que gostaria de fotografar pessoas quando fotografei minha avó, foi muito importante pra ela e percebi o quanto ela estava entregue ao momento.

Já respondendo a outra pergunta, o que mais importa no meu trabalho de ensaio pessoal, é a conexão que eu crio com a pessoa antes e durante o ensaio. Quanto maior a conexão, maior a confiança e melhor o resultado das fotos. Se não tiver uma conexão, todo meu conhecimento técnico não adianta pra muita coisa, o objetivo do ensaio não é alcançado. E o que eu gosto é de representar os jeitos das pessoas por meio das fotos, não só o que a sociedade considera como o padrão, mas a pessoa e suas características. A qualidade de um ensaio só depende de como a pessoa se sente, se ela se entregou no ensaio e se eu consegui registrar ela como ela é, o melhor do ensaio é sempre isso. Que a pessoa me mostre quem ela é, mesmo que seja subentendido, que eu possa perceber e registrar isso por meio da foto.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Funciona muito mais na adaptação e criação na hora. Gosto de ter uma pré-produção simples, a não ser que a pessoa já venha com algo pronto, sabendo o que quer. Nesses casos, conseguimos focar na ideia da pessoa.

Mas normalmente definimos a hora, local e as roupas, isso serve para estabelecer uma base para na hora do ensaio, conseguir desenvolver juntos em cima disso. É meio na ideia de estar no lugar certo, hora certa, com a pessoa certa, só deixar fluir.

É um aspecto importante do meu trabalho, trabalho com pessoas que nunca fizeram fotos profissionais, e acho importante criar junto com a pessoa, dando palpites técnicos, claro. Vamos criando no momento e aproveitando as oportunidades.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

A naturalidade é o que sempre busco nos meus retratos. Fotos espontâneas realçam as características das pessoas, causam uma identificação natural. Meu objetivo é retratar a essência da beleza e do ser de cada um, transmitindo histórias e experiências através de cenas, seja pela expressão facial ou corporal.

entrevista #06 babi brasil

@wolfordie

Há quanto tempo você fotografa?

Eu acho que são sete anos, comecei quando meus pais me deram uma câmera no meu aniversário de 15 anos. Aliás, eu uso essa mesma câmera até hoje.

Quando ganhei a câmera, passei a fotografar em uma escala maior. Eu fotografava paisagens, viagens de família e festas, levava minha câmera pra todos os lugares. Estava sempre fotografando e por isso acho que foi algo comum pra mim.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Eu acho que meu estilo está mudando, eu estava muito em uma coisa autoral, de criação. Agora quero ir pra um contexto mais feminino, quero explorar a relação do feminino com a nudez, o corpo. É uma tendência que quero seguir. Quero fotografar com filme, acho que tem muito a ver com a relação sensível e única com o corpo feminino.

É bem diferente do digital. Acho que a fotografia digital pode fazer com que o sentido acabe se perdendo, por causa do processo. A fotografia analógica é muito mais sensível e única, e eu acho que isso tem muito a ver com o corpo feminino e o que eu gostaria de expressar.

Quero fotografar algo diferente do clichê, odeio isso. Quero me aproximar de formas naturais, uma coisa mais escultórica, buscando uma outra narrativa, enfatizando as curvas, elementos, etc. Isso em ambientes naturais.

Procuro comunicar sentimentos por meio da fotografia. Trago isso por meio de elementos narrativos, moda e styling, pra poder contar uma história.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Eu gosto muito de pesquisar muitas referências, busco ideias de poses, cenários e iluminação para entender como aquilo foi feito. Depois disso, costumo observar como aquilo funcionou e crio a minha visão a partir do que eu vi. Às vezes, vejo uma referência que acredito não ter funcionado muito bem e levo isso em consideração.

Então é isso, busco um referencial muito grande e tenho esse referencial como base, mas acredito que no momento, poses, elementos e principalmente o feeling podem moldar o ensaio e acabar levando para um caminho muito interessante.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Me expresso por meio da fotografia captando as texturas e formas, as maneiras com que a luz molda e transforma as superfícies em que toca. Gosto de trabalhar com luz natural pois tudo é sempre inesperado, é um mundo novo a ser desbravado a cada vez que se fotografa, cada cena é única e cada feixe é um. O filme me transmite esse sentimento também, um número restrito, uma reação química, o sentimento da restrição que faz com que se olhe e absorva antes de fotografar, existe um lapso de tempo onde tudo para e aquela cena é apreciada pelos olhos através do visor, um tempo longínquo do digital onde tudo é reduzido a nada em incessantes cliques contínuos.

entrevista #07

luis dalvan

@luisdalvan

Há quanto tempo você fotografa?

Eu fotografo desde 2012. Comecei a fotografar na faculdade, no terceiro semestre do curso de publicidade e propaganda. Comprei a câmera e fiquei louco, sabia que era isso que queria fazer. A partir daí decidi seguir na fotografia.

Comecei fazendo fotos de paisagem e de longa exposição. Comecei a fotografar retratos em 2017, porque percebi que aqui no Brasil fazer fotos de paisagem não é muito rentável, nem tão marcante. Acreditava que como fotógrafo de retratos poderia ser mais reconhecido e que ganharia mais dinheiro, o que é importante na área da fotografia.

A partir da primeira vez que fiz retratos, percebi que era isso que amava fazer. Demorei pra me convencer que era isso que devia fazer, mas depois que comecei nunca mais parei.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Hoje meu estilo é voltado para fotografia cinematográfica, defino assim. Tenho muito interesse na direção de fotografia. Fiz um curso que me deu vários estalos. Quero continuar fotografando e imprimir na minha fotografia a direção de fotografia, que é o que chamamos de fotografia cinematográfica, a foto que conta uma história, parece um frame de um filme.

Gosto muito de usar técnicas de composição e luz na minha fotografia. Depois do curso que fiz, comecei a usar luz artificial, que é um pouco mais difícil por conta de locação e equipamento. Quero fotografar com luz artificial e natural, seguindo a estética da fotografia cinematográfica.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Eu gosto muito de planejar o ensaio, por exemplo, busco referências e a partir disso crio o mood do ensaio: desde roupas até locação.

Atualmente tenho trazido muitas referências de filmes, e ainda uso obras de arte e clipes como fonte de referências. Também busco referências no Instagram e Pinterest.

Antes não planejava muito e isso acabava me atrapalhando. Sou organizado e acho que o resultado dos ensaios que eu planejava ficava muito melhor.

As minhas produções planejadas dão mais certo, fico meio desesperado quando não planejo. Fica muito difícil, principalmente com luz. Dependendo da situação, ainda é preciso fazer o pré lightning, que é ir na locação das fotos antes, com o objetivo de definir a questão de luz.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Eu acredito que através da fotografia eu consigo transformar meus sonhos, pensamentos e ideias em imagens que traduzem o meu aprendizado, e isso só acontece por meio de técnicas que adquiri ao longo do tempo.

entrevista #08
carolina bonatelli
@phbonat

Há quanto tempo você fotografa?

Eu comprei minha câmera final de 2018. E desde então não parei mais. Comecei fotografando por conta da faculdade de moda, para a disciplina de promoção de moda, em que a gente tinha que produzir editoriais de moda, mas só foi em julho de 2019 que eu comecei a fotografar pra valer moda, após realizar alguns cursos em São Paulo. Foi um período de imersão bem na parte editorial que eu curto.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Então, por eu cursar moda e acima de tudo ser apaixonada por arte, acredito que minha fotografia puxa muito das referências que eu venho sendo bombardeada desde pequena, por sempre gostar muito de acompanhar revistas de moda e ir a museus e exposições de arte.

Eu acredito que por ter começado a criar a partir do desenho desde muito pequena, sempre fui acostumada a treinar minha criatividade e estar inventando coisas novas.

Sempre gostei muito de registrar tudo antes mesmo de comprar minha primeira câmera.

Atualmente o que eu mais gosto de fazer é poder criar algo a partir da fotografia. Pra mim a melhor sensação é ver o resultado de algo que foi idealizado desde o zero. Por isso hoje fotografo somente moda, principalmente porque ela permite a gente a criar um mundo totalmente novo e caracterizar personagens através de roupas, acessórios e maquiagem. Pra mim isso é o mais legal de trabalhar com isso. Na hora de criar eu acho importante manter a mente aberta pra tudo, e não se filtrar, tem que deixar fluir as ideias, até que se molde a ideia final. Também acho necessário muita pesquisa, não sei para os outros mas pra mim eu gosto muito de pegar referências pra conseguir materializar parte das ideias.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Estudo constante!

Ou eu começo pensando em temas que acho interessante e vou pegando referências visuais que me ajudem a formular melhor as ideias, depois montando painéis, ou eu encontro referências nas minhas pesquisas que me inspirem muito e a partir delas vou pegando outras na mesma linha e monto painéis que me inspirem a desenvolver um conceito a partir delas.

Normalmente eu tento planejar o máximo possível antes do dia das fotos, e organizo tudo previamente e alinhado com a equipe. Mas sempre acontece de surgir mais ideias no dia da produção e normalmente essas são as melhores!

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Desde pequena sempre tive uma relação muito forte com a arte. Desenhar era tudo pra mim, até mesmo quando eu tinha apenas sete anos. Há dois anos eu comprei minha primeira câmera por conta de um trabalho pra faculdade. O que era pra ser um hobby se tornou minha vida. Hoje respiro fotografia desde o momento em que acordo até o que vou dormir. Se antes eu desenhava com canetas e pincéis, hoje em dia eu faço isso através da luz. Fotografar pra mim é expressão, um caleidoscópio de sentimentos e sensações evocados a partir de elementos como cores, texturas e composições, que juntos formam imagens com um poder imenso de transformação. Assim como a moda, a fotografia é poder. Poder este de transformação, significação, e criação de um mundo completamente novo. Principalmente para mim que venho de um terreno como a moda, fotografar ganha um novo espectro, em que este ato se torna uma nova possibilidade de construir novos universos criativos e novas narrativas. Esta é a maneira pela qual eu acredito que hoje consigo explorar melhor minhas ideias e estimular minha criatividade. É como ser criança de novo. Logo, através de cores, enquadramentos, ângulos, cenários, styling e modelos, a cada ensaio eu sinto que é possível expressar meus sentimentos e minha criatividade de maneira diferente e única.

entrevista #09

woody

@woody.raw

Há quanto tempo você fotografa?

Desde julho de 2017. A fotografia era um hobby pra mim. Eu fotografava com celular. Usava bastante o tumbler e gostava da estética: casas, arquitetura, urbano. Gostava de fotografar aquilo. Depois de conhecer a Bruna, ela me encorajou a comprar a câmera. Daí procurei um amigo que trabalhava com fotografia e ele me apresentou algumas opções de câmeras.

A partir daí eu sabia que queria fotografar pessoas, comecei a fotografar retratos, fotografando pessoas próximas em rolês, e dali sempre acabava saindo conteúdo pra postar no insta.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Gosto de fotografar retratos, o que mais abordo nas minhas postagens é retrato mesmo, as vezes algo pro lifestyle, algumas intimistas, algo assim.

Acho importante pegar referências para criar, e elas vêm do conteúdo que eu consumo. Às vezes elas podem me influenciar na hora de fotografar, mas nunca me limito a algo pré definido.

Muitas vezes produzimos livremente, no momento. Às vezes não funciona e acabamos não conseguindo o resultado desejado. Então sobre a minha criação, normalmente deixo livre, só penso no local e vemos o que surge durante o ensaio.

Acredito que quando você já sabe sobre a parte técnica, a teoria, horários e iluminação, o resultado vem com a prática e com a espontaneidade. Nem sempre vem de referências. Por isso, busco seguir minha intuição, para captar isso na fotografia.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Cada fotógrafo tem seu estilo e ele depende de diversos fatores, como a localização, clima, iluminação e edição. É impossível a gente fazer algo exatamente igual a alguém que mora em outro lugar e tem diversos outros fatores diferentes. Por isso acho que o processo de criação é feito pegando a técnica e criando algo com base no que você tem disponível. A foto sempre tem uma identidade própria, então acredito em criar por conta própria, ao invés de tentar copiar ou espelhar algo já existente.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Bem, para a maioria dos retratos que faço, busco criar um contexto simples para minhas fotografias, mais focado em destacar a beleza feminina e os elementos presentes na cena que irão favorecer esta narrativa.

Utilizo a luz natural. Sabemos que além de ser um elemento fundamental na fotografia, ele também funciona como o ponto de união ao sentimento que minha foto irá gerar. Para mim, o sol dita o que eu irei levar ao meu registro.

Por fim, na fotografia, tenho como objetivo de gerar um sentimento de coragem em outras meninas e mulheres que também queiram ser registradas por mim.

entrevista #10
well naves
@wellnaves

Há quanto tempo você fotografa?

Eu fotografo há 10 anos. Comecei a fotografar em 2011 porém eu sempre gostei de fotografia e eu tive minha primeira câmera em 98, era uma filmadora JVC que meu pai me deu, usava para filmar as pessoas na rua.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Meu estilo é noturno cinematográfico, voltado muito ao cinema. Eu gosto de fotografar realmente o que eu acho que é legal, tipo eu não ligo pro que o mercado tá fazendo, o que as pessoas gostam, eu faço o que eu gosto. O que eu acho importante na hora de criar é ter muitas inspirações, não necessariamente de fotografia, mas da vida: é o que você vê, lê, faz, lugares que você vai, pessoas que você convive, isso pra mim é super importante para inspiração e eu acho super importante você ter um acervo de coisas diferentes na sua cabeça, acervo de coisas que você olha todo dia e possa usar de inspiração.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

O meu processo de criação é bem complexo, mas as vezes eu gosto de ir e criar na hora, isso ativa um pouco minha criatividade, pra não ficar aquela coisa tudo planejado sempre, mas eu também gosto de planejar desde do desenho da luz, local, modelo, paleta de cor, cena, emoção, tudo. Eu sempre tenho em mente, sempre anoto coisas que eu sonho, procuro anotar sempre que eu acordo. Então eu sou bem chato com o processo de criação, mas às vezes eu quero chamar a pessoa e criar na hora, porque eu gosto disso também. Isso sempre me surpreende.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Eu diria que me expesso na fotografia contando história. Acho que a minha fotografia é muito do que eu gosto, que eu quero passar, pode vir de algum sonho, ou de algo que é muito meu, que eu sinto e quero transmitir por meio da foto. Uso muito da psicologia das cores nas minhas fotos.

entrevista #11 cida de souza

@natturalis

Há quanto tempo você fotografa?

Ganhei minha câmera com 16 anos, mas fiz pouquíssimos registros. Com mais ou menos 18 anos comecei a faculdade de fotografia. Mas acredito que tenha começado a entender a fotografia há dois anos.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Me identifico com fotografia documental e de rua, sempre me chamaram mais atenção que publicidade e moda, por causa da interação do fotógrafo com o todo.

Acredito ter mais liberdade. Sempre busco entender qual vai ser minha troca com a pessoa que vou fotografar, porque sempre tem uma interação. Por isso, uma coisa que não pode faltar é uma boa conexão, uma conexão honesta. Sempre falo porque estou ali, de onde eu vim. A fotografia documental me leva a lugares que nunca imaginei chegar.

Acredito que ter a permissão e o respeito pra fotografar o outro como deseja ser visto, é essencial. Também acredito em não ser só a pessoa que extrai algo, mas que devolve alguma coisa, dá algo em troca.

Tanto em Floripa quanto em São Paulo, tenho um espaço para ensinar as crianças: deixo a minha câmera com as crianças, ensino elas a trabalharem com o diafragma e obturador, pra eles entenderem como funciona a câmera, algo bem básico. O que eu quero é que elas se entendam como personagens da própria história e que possam ver que assim como eu, elas também podem ser quem registra. Acho que essa é uma parte essencial.

Apreendi isso no projeto além das lentes, que ensina fotografia e cinema nas comunidades. Levo o que aprendi com eles adiante. Sempre que eu puder, dou minha câmera na mão das crianças.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Eu diria que sigo muito minha intuição nesse sentido, as vezes não conheço o lugar, não conheço ninguém e tenho que me adaptar a circunstâncias que estão na minha frente.

Também me adapto às pessoas que estou fotografando, para que eles se sintam próximos, para eles entenderem que pode haver uma troca, que a fotografia não é uma ameaça.

Busco saber se onde estou indo tem alguém de confiança, que eu possa contar caso precise. Essa pessoa normalmente acaba me apresentando, e isso me ajuda a não ser apenas uma turista, mas pra ver como é a vida ali.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Me expresso através da fotografia para me reencontrar com a identidade do meu país, e conseqüentemente com a minha. Somos muito diversos e a região que nasci sempre ficou em dívida comigo pois não me apresentava a grandeza do Brasil. Sai de casa para viver e ouvir histórias de outras pessoas que nasceram na mesma terra que eu, que me permitem fazer parte da sua vida apenas observando e absorvendo. Essa troca, para mim, somente é possível através da fotografia, é ela que junto comigo anda de casa em casa sempre sendo muito bem recebida para ouvir e ser ouvida. A fotografia é a minha maior forma de comunicação e de viver.

entrevista #12 heloisa vecchio

@heloisa.vecchio

Há quanto tempo você fotografa?

Fotografo há dois anos e meio praticamente. Comecei como uma experimentação, durante um intercâmbio. Sou formada em arquitetura, mas durante a faculdade fui fazer um intercâmbio pra ver se era aquilo que eu realmente queria fazer. Busquei entender o que me realizasse financeiramente, espiritualmente e emocionalmente.

Lá, depois de uma visão meio espiritual, hospedei um casal de couchsurfers e um deles chegou com uma câmera analógica. Fiquei muito interessada e com vontade de ter uma. Na época não conhecia muito sobre fotografia mas desde pequena sempre gostei muito, fazia muitos auto retratos. No ensino médio, meio que parei de praticar, porque precisava estudar para a faculdade e dentro das minhas opções, a arquitetura era a faculdade mais artística, já que a fotografia não era muito uma opção.

Quando decidi que queria trabalhar com fotografia, comecei fotografando nus artísticos com amigas, comecei a publicar e daí nunca mais parei.

Fiz uma oficina de revelação preto e branco e vi que era isso que eu queria fazer, antes eu não sabia bem se queria trabalhar com fotografia analógica ou digital, são dois equipamentos tão diferentes, mas a partir daí tudo mudou e vi que tinha nascido pra isso, fotografar com analógica. Foi meio na loucura mas foi um processo pelo qual achei algo que eu gostava.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Eu trabalho especialmente com fotografia analógica.

Há um tempo eu modelava para nu artístico, por isso comecei a fotografar isso, era parte do meu habitat. Daí comecei a me apaixonar por retratos, isso foi me levando a fotografar mais pessoas, casamentos, retratos e arquitetura. São meus campos mais fortes. Também trabalho com audiovisual. Bom, eu sou bem eclética, não faço uma coisa só!

Gosto de colocar muito sentimento nas minhas fotos. Gosto de criar uma atmosfera intensa, sentimental. Trazer a delicadeza e sensibilidade pros sentimentos que quero transmitir.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

No processo criativo eu busco me conectar e entender o que a pessoa está sentindo, o que ela quer transmitir por meio da foto e pelo ensaio.

Busco ao máximo fazer com que a nossa conexão seja sincera e confortável, busco incorporar a personalidade da pessoa na fotografia. Pra isso eu faço algumas perguntas, nós fazemos uma playlist com músicas que sejam a cara dela, vamos pensando nos cenários e nos detalhes do ensaio.

Também gosto muito de desenhar as fotos que eu faço, de pensar e descrever um pouco o que tá na minha cabeça, passar isso pro mundo material antes de fotografar, porque acredito que a foto tá muito na minha cabeça.

Sempre busco a sinceridade dentro do ensaio, fazer a pessoa se sentir bem pra que o processo como um todo seja bom e proveitoso. Acho que viramos um pouco amigas, porque a fotografia envolve colocar pessoas em um estado de vulnerabilidade e gosto que a pessoa se sinta bem durante as fotos, não ameaçada. Prezo pela conversa, comunicação leve pra que a pessoa não se sinta envergonhada e se sinta bem.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Me considero uma fotógrafa-poeta que coloca o coração junto com o olho no viewfinder. Digo que com uma metodologia sentimental, cada retrato carrega em si atmosferas únicas, naturais e profundas, transmitindo toda uma carga de sentimento e sensibilidade através de cada clique, algo tão necessário principalmente em meus trabalhos com nu artístico.

Minha principal linha de ação é a fotografia analógica e a revelação caseira com caffenol e, além disso, sou professora de fotografia. Ministro mentorias e workshops, assim, transformando a vida e a percepção artística de quem se expressa através da fotografia.

entrevista #13 matheus augusto

@mathiusto

Há quanto tempo você fotografa?

Eu fotografo há 5 anos. Desde pequeno eu gostava muito de desenhar e sempre fui ligado à arte visual, mesmo sem saber o que era. A fotografia foi uma influência das redes sociais, mais especificamente do Tumblr. Eu via muito sentimento nas fotos, e tomei ciência que poderia me expressar através delas.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

O meu processo de identidade foi lento. Comecei muito perdido, sem saber que lado seguir, mas tive ajuda e orientação de pessoas incríveis durante essa caminhada. Me identifiquei muito com os retratos mais conceituais, e desde então venho explorando isso.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

O meu processo nasceu da necessidade de me expressar, de pôr os sentimentos para fora e mostrar quem sou. Recentemente iniciei com a fotografia fashion, realizando alguns editoriais para marcas. Como disse, meu processo de criação parte do sentimento. Pode vir de uma música, ou uma situação que aconteceu, depende muito. Sempre tento trazer pra esse lado pessoal e fazer com que o espectador mergulhe nos meus sentimentos.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Eu diria que encontrei na fotografia uma “válvula de escape” para um mundo inteiramente meu! Estou sempre vagando e experimentando coisas novas, com meus pés no rio, minha mente no céu, e meu coração vagando por aí.

entrevista #14 andré lambert

@andreflambert

Há quanto tempo você fotografa?

Eu comecei a fotografar em 2017, faz quase quatro anos. Essa parte de moda e retratos faço desde 2019. Antes disso costumava tirar fotos de qualquer coisa. Só trabalhava com analógica e documentava o dia a dia.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Eu tenho um negócio muito forte com a fotografia analógica, é o meio que mais me identifico. Me identifiquei porque gosto de referências mais clássicas. Atualmente estou tentando ser um pouco mais contemporâneo, mas sempre gostei muito de coisas antigas, década de 50, 60. Tenho como referência alguns fotógrafos clássicos, como Erwin Blumenfeld, Richard Avedon, Irving Penn, Helmut Newton e Paolo Roversi.

Pra passar essa estética gosto muito da fotografia analógica, porque tem muito a ver com meu trabalho. Também é por causa do processo, eu fico muito mais presente no momento justamente por não editar a foto depois, preciso prestar mais atenção na hora.

Mas também de uns seis meses pra cá estou explorando mais o digital, comprei uma câmera digital e estou adorando poder clicar à vontade e poder editar as fotos. Com a analógica não consigo e isso às vezes pode me travar. Tô conseguindo explorar um pouco mais por causa disso.

Foi muito bom aprender a fotografar com a analógica, foi uma base muito boa justamente por precisar prestar mais atenção nos detalhes na hora de fotografar. Agora estou fazendo os dois.

Também acho muito legal a parte física da fotografia em si, a parte de impressão e revelação. Agora estou tentando imprimir mais minhas fotos, acho que é mais fácil de apreciar, e é uma memória. Hoje em dia estamos muito acostumados com o digital, sem tocar, e eu gosto muito da parte física!

Sempre gostei muito de ver fotolivros, é um dos principais jeitos de ver fotografia e isso acrescenta muito no meu trabalho. O IMS aqui em São Paulo tem uma biblioteca muito grande de fotografia. Eu ficava muito tempo lá vendo livros, até porque fotolivros são muito caros, mas sempre achei um meio muito bom de me aprofundar mais, porque tem narrativa, tem uma história.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Não tenho um processo que eu sigo, acho que as inspirações vêm de várias formas, depende da ocasião. Às vezes tem uma pessoa específica que quero fotografar, ou então tive uma ideia e tento chamar uma pessoa que tenha a ver com aquilo. Mas também gosto quando o processo de criação é mais complexo, acho muito legal o trabalho em equipe.

Sou meio novo nesse campo, mas acho muito legal quando tem pessoas pra cada área, como beauty e styling. Isso ajuda muito na construção da imagem como um todo.

Gosto de pirar mais no editorial, acho que gosto mais de moda porque é divertido, por poder exercer minha criatividade e conhecer pessoas novas. Eu mesmo não manjo de moda, faço muitos ensaios em colaboração com a Carol (namorada), que fez faculdade de moda. Acho que me completo mais com uma equipe ou amigos, mas que tenham conhecimentos em áreas diferentes.

Sobre o processo, normalmente começamos com referências, pensamos na história ou na estética do shooting, na locação e no figurino. Criamos um moodboard com referências que se encaixam. No final a mistura das referências fica muito legal. Claro que sempre corre o risco de ficar uma mistura, mas quando as pessoas têm algo a ver umas com as outras, acaba dando certo.

E eu vou no flow, não tenho um método que eu precise seguir pra dar certo, mas também não me considero um fotógrafo "artista". Normalmente marco para tirar fotos e reúno referências e é isso. Vou mais pela estética.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Para mim, o fato da fotografia ter que partir de algo concreto, tangível, é de imensa ajuda para me ajudar a exercer minha criatividade. A fotografia é um meio artístico com muitas limitações físicas, diferentemente de uma pintura, um poema por exemplo. Gosto muito de ter essas limitações pois me permite ter um foco maior na minha criação. É um constante exercício de se trabalhar com pouco e tentar aprimorar o olhar, pois é tudo questão de um ponto de vista.

entrevista #15
alinne volpato
@alinnevolpato

Há quanto tempo você fotografa?

Comecei a estudar fotografia sozinha, com quatorze anos, porque ganhei uma câmera da minha irmã, era uma analógica profissional. Gostei bastante. Desde então decidi ser fotógrafa.

No começo me usava como modelo para entender direção e posicionamento, enquadramento. Comecei a trabalhar profissionalmente com dezoito anos, fotografando social. Vi que não era bem o que eu queria e fui pra área de ensaios e de moda. Fui estudando, fazendo workshops e pra formalizar fiz uma faculdade de fotografia, mas acabei não tendo paciência pra terminar o curso, fiz as disciplinas que eu achava que valeriam a pena.

Comecei a dançar com vinte e dois anos, fazia aulas de ballet. Foi amor à primeira vista, e dali pra frente queria muito trabalhar exclusivamente com dança, mas no brasil é um pouco complicado. Também trabalhei fotografando palco, em apresentações e festivais. Em seguida foquei na fotografia de dança em estúdio, e durante esse tempo fui aprendendo muita coisa técnica. É o que eu amo fazer, mas aqui não tem tanto mercado. Fotografar para o Bolshoi me abriu muitas portas no exterior, onde tem mais mercado.

Hoje em dia também trabalho com moda.

A minha faculdade de psicologia, me acrescentou bastante conhecimento de estudo de comportamento, desenvolvimento de conceito, e outras coisas que eu acabo usando muito na fotografia e serve pro que a moda quer vender.

Fale um pouco sobre seu estilo, o que gosta de fotografar e o que acha importante da hora de criar.

Gosto muito de coisas clean e do neoclássico, foco muito nisso. Mas também tenho uma queda pelo renascentismo. Eu vario entre esses estilos.

Acho que o importante na hora de fotografar é criar um bom resultado, é se preocupar com a história que está sendo contada através imagem. Então tem que ter sentido. Quando se cria uma história, existe

uma conexão com a pessoa que está vendo o resultado final. Pra isso é preciso ter o conceito claro e conseguir aplicar o conceito dentro da história por meio do acting, cenário e luz, tudo sincronizado e em harmonia.

Como funciona seu processo de criação? Você costuma ter em mente o que deseja criar?

Eu acho que varia muito. Uso muito o Pinterest, olho várias imagens e busco inspiração em algum elemento. Também acontece de algo me inspirar a criar.

Normalmente começo pelo styling, uma peça, um acessório e começo a pensar em que tipo de luz, maquiagem e cenário ficariam legais, que combinariam.

Nunca consigo começar a partir de uma imagem pronta, tenho que achar um elemento que me interessa e me inspira, e a partir daí procurar um caminho pra seguir. O processo criativo de cada pessoa é diferente, depende muito e muda de pessoa pra pessoa, mas percebi que é isso que funciona pra mim, de elemento em elemento para criar uma coerência de produção, mas a luz é normalmente a última coisa que eu faço.

Como você usa a fotografia como forma de expressão? Quais elementos você acredita que contribuem para isso?

Eu não sou do tipo que defende alguma ideia ou ideal. Eu só busco produzir ideias que contrapõem aquilo que angustia. Eu busco transmitir um lugar, um pequeno oásis de harmonia. Não quero que as pessoas encontrem conflito no que eu faço. Acho que a vida já tem muitos. Eu gosto do equilíbrio entre “*power ans grace*”.

